



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ELIANARA RODRIGUES DE ANDRADE**

**AS MOTIVAÇÕES PARA A ATUAÇÃO DE INDIVÍDUOS NO TRABALHO  
VOLUNTÁRIO NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**RECIFE**

**2022**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ELIANARA RODRIGUES DE ANDRADE

**AS MOTIVAÇÕES PARA A ATUAÇÃO DE INDIVÍDUOS NO TRABALHO  
VOLUNTÁRIO NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Sociais, Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão e obtenção do diploma, sob orientação da professora Dra. Marion Teodósio de Quadros.

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Rodrigues de Andrade, Elianara.

Possíveis motivações para a atuação de indivíduos no trabalho voluntário no contexto hospitalar: uma revisão bibliográfica / Elianara Rodrigues de Andrade. - Recife, 2022.

59 : il., tab.

Orientador(a): Marion Teodosio de Quadros

Coorientador(a): Luciana Barros Gama

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Bacharelado, 2022.

1. Voluntariado. 2. Motivações. 3. voluntariado hospitalar . I. Teodosio de Quadros, Marion. (Orientação). II. Barros Gama, Luciana. (Coorientação). III. Título.

300 CDD (22.ed.)

ELIANARA RODRIGUES DE ANDRADE

**POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES PARA A ATUAÇÃO DE INDIVÍDUOS NO TRABALHO  
VOLUNTÁRIO NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Sociais, Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão e obtenção do diploma, sob orientação da professora Dra. Marion Teodósio de Quadros.

Aprovado em: 06/09/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa<sup>o</sup>. Dra. Marion Teodosio de Quadros  
Universidade Federal de Pernambuco

Profa<sup>o</sup>. Dra. Luciana Barros Gama  
Universidade Federal de Pernambuco

Prof<sup>o</sup>. Dr. Sérgio Neves Dantas  
Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, pela força nos momentos difíceis e pela ajuda na realização dos meus sonhos. À minha família que me incentivou e compreendeu a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Aos amigos, Andresa, Eduarda, Emilly, Tino, Ketly, Rebecca e Vitória que sempre estiveram ao meu lado. A Joyce e Manuela, agradeço pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho. Aos meus colegas e amigos do trabalho, que me apoiaram e incentivaram em minhas potencialidades para a conclusão deste trabalho. A Ruth Gabino, coordenadora na Instituição a qual trabalho, pelo apoio e compreensão. Agradeço a Marion Teodósio por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e por ter me apresentado à Antropologia da Saúde que foi um divisor de águas no meu futuro profissional. Sou grata aos professores Luciana Gama e Sérgio Dantas que contribuíram com a minha formação e na escolha da Antropologia como futura especialização. Ao professor Ricardo Santiago pelo auxílio e compreensão no decorrer da disciplina de Trabalho de Conclusão.

“Todo caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

Guimarães Rosa.

## RESUMO

O presente estudo teve como foco principal investigar bibliografias que tratassem direta ou indiretamente sobre as motivações de indivíduos para o trabalho voluntário no setor hospitalar. Desse modo, a pergunta fundamental a este trabalho pode ser resumida em: “quais são os motivos que levam esses indivíduos a tornarem-se voluntários?”. Assim, a partir dessa pergunta, foi objetivo central apresentar como foram desenvolvidas as análises, isto é, as metodologias utilizadas e os resultados obtidos dos estudos pesquisados. A importância deste trabalho se traduz exatamente em virtude da escassez de materiais acadêmicos sobre a temática, dessa maneira, o intuito foi trazer uma contribuição apresentando os principais estudos realizados, a fim de auxiliar pesquisas futuras. No que diz respeito à metodologia, essa pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e de revisão bibliográfica. Tendo em vista o objetivo central, foi possível apresentar as metodologias e resultados de cada pesquisa apresentada. Por fim, percebeu-se que todos os estudos apresentaram perspectivas diferentes sobre a temática, em virtude disso, não foi possível apresentar todas as motivações como um modelo geral de contendo todas as possibilidades que motivam os indivíduos para o voluntariado.

**Palavras-Chave:** voluntariado; motivações; voluntariado hospitalar

## **ABSTRACT**

The present study's main focus was to investigate bibliographies that dealt directly or indirectly with the motivations of individuals for volunteer work in the hospital sector. Thus, the fundamental question of this work can be summarized as: "what are the reasons that lead these individuals to become volunteers?". Thus, based on this question, the central objective was to present how the analyses were developed, that is, the methodologies used and the results obtained from the researched studies. The importance of this work translates exactly in virtue of the scarcity of academic material on the theme; thus, the intention was to bring a contribution by presenting the main studies carried out, in order to help future research. As far as methodology is concerned, this research is of a qualitative, exploratory, and bibliographic review nature. In view of the central objective, it was possible to present the methodologies and results of each research presented. Finally, it was noticed that all studies presented different perspectives on the theme, due to which it was not possible to present all motivations as a general model containing all the possibilities that motivate individuals to volunteer.

**Keywords:** volunteering; motivations; hospital volunteering

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 - Ciclo da relação voluntariado-instituição-empresa.....	23
---	----

### TABELAS

Tabela 1 - O que levou a ser voluntário no hospital H. São Paulo, 2015.....	40
Tabela 2 - Teve motivação específica para trabalhar em hospital especializado em HIV/Aids? São Paulo, 2015.....	41

### QUADROS

Quadro 1 - Motivações Altruístas e Egoístas.....	28
Quadro 2 - Funções do voluntariado e exemplos de indicadores do inventário das funções do Voluntário (VFI).....	30

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1 METODOLOGIA	11
<b>2. O VOLUNTARIADO</b>	<b>13</b>
2.1 A HISTÓRIA	14
2.2 OS HOSPITAIS E O VOLUNTARIADO	19
2.3 OS INTERESSES	21
<b>3. AS MOTIVAÇÕES</b>	<b>26</b>
3.1 AS MOTIVAÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS	27
<b>4. RESULTADOS E ANÁLISES</b>	<b>32</b>
4.1 RESULTADOS	32
4.2 COMENTÁRIOS	45
4.3 QUESTIONAMENTOS	49
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
REFERÊNCIAS	54

## 1. INTRODUÇÃO

À primeira vista, quando pesquisa-se sobre voluntariado certamente achar-se-ão sinônimos como: trabalho altruísta, social, humanitário, filantropo entre outras definições. (MARQUES, 2006). Ademais, também se atribui atividades voluntárias como Trabalho do Terceiro Setor, ou seja, que não se enquadram em iniciativas estatais ou de mercado, sendo, desse modo, uma resposta dos cidadãos às questões sociais.

Nesse sentido, pode-se, portanto, compreender o voluntariado como: trabalho que é feito de forma espontânea, sem prévia obrigatoriedade e decidido por vontade própria. Além disso, à primeira vista, pode ser considerado uma atividade às avessas à lógica de uma sociedade capitalista, posto que, em primeiro plano, não há algum tipo de remuneração material ou retorno em lucro monetário direto e imediato. Pelo contrário, os indivíduos que se propõem à realização desse tipo de trabalho, “gastam” tempo, energia e muitas vezes comprometem também a saúde física e emocional ao se engajarem. (OLIVEIRA, 2022).

Além disso, os voluntários que, majoritariamente, têm o contato direto com pacientes em tratamento acabam desenvolvendo laços afetivos com eles e também seus familiares. Acompanham, conseqüentemente, o dia a dia dos doentes na realização de exames e procedimentos. Pode-se dizer, também, que a afetividade faz parte do cotidiano das pessoas que se propõem realizar esse tipo de trabalho. Isso se dá, pois há uma realidade óbvia: lidar constantemente com o sofrimento daqueles que estão sob os cuidados médicos, além de se deparar, uma hora ou outra, com a morte. Tendo todas essas questões como plano de fundo, a problemática fundamental a este trabalho – levando em consideração todos os dados de trabalhos que foram utilizados - pode ser resumida em uma pergunta: quais são os motivos que levam esses indivíduos a tornarem-se voluntários?

Contextualizando a razão da escolha desta temática, ela surge a partir das minhas experiências pessoais como voluntária em uma Organização Social, de apoio às crianças com câncer, locada em um hospital na cidade do Recife. Com a minha vivência dentro do hospital, compartilhando muitos momentos com colegas voluntários, experienciei muitos momentos de dor e perda. Por isso, passei a refletir e me questionar quais seriam as motivações, para que aquelas pessoas estivessem ali, à disposição da Instituição, das famílias dos pacientes e dos pacientes. Assim, decidi tornar o que era uma curiosidade, meu objeto de estudo.

Além disso, no que concerne à justificativa, o fator principal, culminante à escolha desse tema, diz respeito à inegável importância do trabalho voluntário no funcionamento de instituições de apoio à sociedade, sobretudo, em hospitais. Percebe-se que a discussão sobre

essa temática ainda é escassa e pouco abordada no âmbito acadêmico. Nesse sentido, esse trabalho torna-se pertinente ao levantar dados e bibliografias apresentando uma perspectiva que possa viabilizar futuras pesquisas sobre o assunto, especialmente sob a ótica das ciências sociais, além de apresentar os resultados obtidos quando se pesquisou acerca das motivações ao voluntariado em hospitais.

Assim, considerando a existência de estudos sobre o Terceiro Setor - em uma tentativa de compreensão das motivações que orientam pessoas comuns à decisão de tornarem-se voluntário - ainda sim, percebe-se uma necessidade de entender como os autores analisaram essas motivações. Ao examinar quais seriam os aspectos que circundam a prática, foram objetivos principais dessa pesquisa, apresentar as pesquisas realizadas e suas metodologias, bem como os resultados obtidos sobre as motivações de indivíduos ao voluntariado em um contexto hospitalar. Já os objetivos secundários foram: apresentar de forma geral, definições a respeito do que é voluntariado, sua história e sua relação com os hospitais; apresentar as principais teorias sobre as motivações para o trabalho voluntário.

## 1.1 METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia adotada, pode-se dizer que esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, isto porque, o cerne da investigação foi encontrar nos estudos já realizados, as motivações dos indivíduos para o trabalho voluntário. Isso envolveu, sob a perspectiva das ciências sociais: “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (MINAYO, 2009, p.21). Nesse sentido, apesar de também apresentar pesquisas que utilizaram o método quantitativo para investigar as motivações dos indivíduos, pode-se dizer, no entanto, que os dados obtidos se traduzem em representações, intencionalidades e significações.

Como já destacado, sendo o objeto desta pesquisa pouco estudado, assim, pode-se dizer que esta pesquisa foi exploratória, isso em virtude de que: “uma pesquisa preparatória acerca de um tema pouco explorado ou, então, sobre um assunto já conhecido, visto sob nova perspectiva, e que servirá como base para pesquisas posteriores”. (CASARIN; CASARIN, 2012, p.40).

Por fim, quanto ao “procedimento” de pesquisa ou, ainda, seu “delineamento” (GIL, 1987, p. 71-78), este trabalho consiste em uma pesquisa de revisão bibliográfica. Desse modo, a escrita baseou-se na pesquisa de artigos, teses e dissertações, etc - que tratassem diretamente sobre os aspectos do tema aqui abordado. A pesquisa bibliográfica é definida, segundo Neusa

Macedo, como:

é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa( livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final. (MACEDO, 1996, p.13)

ou ainda: “Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação” (KÖCHE, 2015, p. 122). Assim, esse tipo de pesquisa auxilia no aprofundamento do conhecimento sobre o objeto estudado.

Desse modo, para a localização do material que se encontra aqui, foram acessadas plataformas como o Scholar Google e Scielo. Para tanto, foram adotadas como palavras-chave: “voluntariado, motivações para o voluntariado”. Dentre todos os escritos encontrados foram selecionados o total de 12 documentos, sendo seis artigos, três dissertações, duas monografias e uma tese.

As bibliografias apresentadas pertencem a diversas áreas do conhecimento, as quais, contabilizadas resultaram em: três pesquisas pertencentes às áreas de Administração e Gestão; quatro nas Ciências Médicas e Enfermagem; duas nas Ciências Sociais (englobando sociologia e antropologia) e três na Psicologia. Constata-se, no entanto, que as pesquisas sobre esta temática, desenvolvidas, a partir das ciências sociais, são a minoria.

É também em virtude disso, que a compreensão desses trabalhos foi elaborada sob a perspectiva das ciências sociais, em uma tentativa de reconhecer elementos socioantropológicos incutidos nos dados obtidos nessas bibliografias.

Em relação à seleção dos trabalhos, existiram critérios para escolha, como: o ano de publicação, que deveria ser entre 2003 e 2021; texto original escrito em português; todos as pesquisas selecionadas deveriam ter como objeto de análise “o voluntariado no contexto hospitalar”. Dessa forma, todos os documentos foram selecionados com a premissa de ter, ao menos, um capítulo trazendo discussões sobre as motivações no trabalho voluntário, obviamente em hospitais.

## 2. O VOLUNTARIADO

Tendo em vista as definições trazidas na introdução dessa pesquisa. Ao tratar do tema deste capítulo, surgiu a necessidade de melhor compreender o porquê do voluntariado associar-se quase que sinonimamente ao Terceiro setor. Pode-se resumir que o voluntariado é uma atividade que se categoriza dentro do que se concebe como “Terceiro Setor”. (PALUDO, 2010). Isto porque, o Primeiro e o Segundo setor relacionam-se com Instituições Estatais e de Mercado/Privadas respectivamente. Enquanto no Terceiro, ocorre um tipo de “mistura” ou “meio termo”, isto é, pode-se dizer que no último setor, encontram-se atividades que são desenvolvidas com participação privada e estatal. Assim, na teoria, existe a premissa de garantir o bem-estar e o interesse público, no entanto, não pertence ao Estado. (PALUDO, 2010). Para entender melhor a associação entre voluntariado e Terceiro Setor vejamos:

Essas entidades paraestatais, embora possuam personalidade de Direito Privado, não são entidades públicas nem privadas. Não são públicas porque não são pessoas de Direito Público, e não são privadas porque não visam lucro. Elas são um meio termo. Colaboram com o Estado desenvolvendo atividades de interesse público, e por isso contam com a sua proteção e fomento. O terceiro setor é composto por: serviços sociais autônomos, entidades de apoio (fundações privadas, associações, cooperativas), organizações sociais, organizações sociais de interesse público, e Ongs diversas. PALUDO (2010, p.39)

Em sua tese, Edgar Escobar (2017), utiliza o conceito de “braço adicional” para explicar o que o Terceiro Setor representa outros setores e é claro à sociedade de modo geral.

No entanto, apesar do Terceiro Setor ser utilizado muitas vezes como sinônimo ao Voluntariado, ambos os conceitos não possuem o mesmo significado, apesar de se tangenciarem em certa medida. Isto porque o Terceiro Setor agrupa as Organizações e Entidades onde, na maioria das vezes, são promovidas e desenvolvidas as atividades voluntárias. Enquanto o que define-se como voluntariado resume-se em:

O trabalho voluntário é toda ou qualquer ação que uma pessoa presta sem fim lucrativo, nela é dedicado tempo, esforço e lealdade. A partir desta teoria, o voluntariado pode ser trazido para uma empresa, sendo uma atividade, como todas as ações voluntárias organizadas com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de uma comunidade estimulando para que os funcionários participem de eventos, campanhas solidárias, campanhas de arrecadação, serviços voluntários a comunidade como separação do lixo, explicadores escolares, palestras, etc. (CALDERÓN, et al., 2011, p.5).

Após as considerações vistas acima – no tocante aos possíveis esclarecimentos quanto às definições relacionadas ao voluntariado. Será possível, no próximo capítulo, aprofundar a discussão sobre o voluntariado a partir da história, tecendo uma relação com os interesses.

## 2.1 A HISTÓRIA

Como previamente esclarecido, tornou-se essencial apresentar uma breve revisão da história do voluntariado em uma tentativa de, em seguida, expor os interesses e motivações da sociedade – entendendo-se por sociedade: instituições públicas e privadas; grupo de indivíduos, etc – no fomento e estímulo deste tipo de trabalho. A função da história aqui, diz respeito, essencialmente, a um *fazer* das ciências sociais, posto que, o objeto das ciências sociais é *histórico* (MINAYO, 2001, p.13.). É também através da *consciência histórica* (MINAYO, 2001, p.14) que é possível apreender como os grupos dão sentidos às suas ações - a depender do contexto em que estão inseridos. Dessa forma, é possível notar, ao longo de séculos, como o trabalho social, conhecido hoje como voluntariado, se transformou de acordo com as mudanças sociais a depender do espaço e do tempo.

É válido ressaltar, que não é o objetivo desse tópico tecer uma linha cronológica contendo todos os marcos históricos que culminaram no que conhecemos atualmente como esta atividade do Terceiro Setor. Na prática, aqui, a historicidade serve como um mecanismo de contextualização geral, a fim de demonstrar as motivações de governos, instituições e grupos, no incentivo à realização desta atividade. Deixando claro que, essas motivações e interesses não são necessariamente ruins ou maléficis ou integralmente bons ou benéficos.

Segundo Pedro Benedetti (2017), é possível afirmar, a partir de dados e fontes históricas, que, de modo geral, as práticas conhecidas hoje em dia como “voluntariado” confundem-se com a trajetória da humanidade. Deste modo, fugindo de um possível anacronismo, observa-se, através de pesquisas, que ao longo de séculos existiram atividades que se assemelham ao que configuramos atualmente como “trabalho motivado por vontade própria e sem remuneração”. Por exemplo, para Hudson (1999), o crescimento populacional em aldeias, vilas e cidades está diretamente ligado ao auxílio social.

Na antiga Índia, o imperador budista Asoka (aproximadamente 274- 232 a.C.) proporcionou instalações médicas, mandou que fossem cavados poços e, já preocupado com o meio ambiente numa época remota, plantou árvores para o deleite do povo. Na antiga sociedade grega, viajantes recebiam tanto comida como abrigo nas casas dos ricos, ou então partilhavam a hospitalidade de camponeses. Os profetas judeus foram os pioneiros das modernas organizações promotoras de campanhas. Trabalhavam incansavelmente pela justiça social, política e econômica e pressionaram seus governos a modificar as práticas políticas e administrativas. A idéia de dar esmolas também era muito difundida. Na época romana, o direito a milho grátis ou barato dependia da cidadania e era hereditária, passando de pai para filho.” (HUDSON, 1999, p. 01)

Segundo Paulo Veyne (1990), durante o Império Romano, por exemplo - a sociedade

era dividida em três classes: os aristocratas, os cavaleiros e os plebeus - os mais abastados tinham a responsabilidade com os cidadãos e plebeus, tinham que fazer doações, concessões etc. Na realidade, isso pode ser interpretado como uma estratégia para garantir um tipo de bem-estar na sociedade. Além de garantir, é claro, que o povo atendesse, de bom grado, às exigências dos mais ricos. Tendo em vista que essas ações alimentavam o sentimento de coletividade em um corpo cívico e a sensação de segurança.

“Os cidadãos notáveis, os bem nascidos, também devem alimentar sua cidade. Espera-se deles que gastem largas somas para manter o sentimento de contínua alegria e prestígio dos cidadãos. O fato de aliviar alguma aflição dos cidadãos pobres, era visto como acidental, pois o importante consistia em, de algum forma, beneficiar o corpo cívico no conjunto” (VEYNE, 1990, p. 251).

Pode-se perceber, através dos exemplos citados acima, que as práticas de ajuda ao próximo não estavam ligados necessariamente ao cristianismo. Apesar de não terem relação direta com a religião que dominaria o mundo pelos próximos séculos. Ou com o conceito cristão de “caridade”, essas práticas, sob os contextos históricos mencionados, podem ser interpretadas como um tipo de “semente” ao que germinaria tempos depois. (BENEDETTI, 2017).

A partir da conversão de Constantino I, o primeiro imperador romano a se tornar cristão, em meados do século IV d.C. A Igreja Cristã se consolidou como instituição e passou a promover a “caridade” como mediadora para a redenção e compensação dos pecados. (BENEDETTI, 2017). O pesquisador e professor Valdmir Cemino, afirma que: “a caridade se consolida no modelo de doação como uma forma de penitência pelos pecados reforçando, no imaginário popular, o direito à purificação e a salvação eterna.” (CEMINO, 2012).

Desse modo, os indivíduos se engajavam a fim de conquistar prêmios celestiais ou até a salvação. Dessa forma:

o socorro aos desvalidos era exercido de maneira individual e estava simbolicamente ligado à purgação das iniquidades, ou seja, ajudar aos pobres significava, antes de tudo, a salvação da alma por meio da boa obra, e não uma preocupação social com a pobreza. (ALVES, 2015, p.52)

“.....a esmola, a exortação e a persuasão como recursos elementares caracterizam este largo período de origem do voluntariado, no qual a fé, o sentimento e a intuição substituem o conhecimento científico frente às situações que geram tal estado de carência” (KISNERMAN, 1983, p.3).

Apesar de encontrar outros tipos de religiões que também influenciaram a consolidação do voluntariado a partir da caridade (HUDSON, 1999), é a igreja cristã,

sobretudo católica, que teve, séculos a fio (IV – XIX), de protagonismo em relação à criação e mantimento de casas de caridade, escolas e, especialmente, hospitais. Não obstante, não se pode deixar de sinalar que isso se deu especialmente em virtude de seu poderio hegemônico no ocidente e, é claro, sua instrumentalização como um mecanismo de dominação de povos. Além de todos os prejuízos trazidos por essa dominação, ao que se refere ao apagamento da identidade cultural de inúmeras etnias ao redor do mundo, é incontestável que, de uma forma ou de outra, essa Instituição foi uma das principais responsáveis para a formação simbólica e conceitual da prática voluntária. Irene Rizzini e Francisco Pilotti destacam que:

“De acordo com as ideais e práticas dominantes na Europa, as primeiras instituições para o cuidado da infância foram instaladas na América por congregações católicas. Elas se localizaram no interior de hospitais, ou próximo a eles, sendo as escolas ou doações voluntárias as principais fontes financeiras, mediante as quais os custos operativos eram cobertos.....Pela ação filantrópica, as elites da época empreenderam o que poderia ser chamado de campanhas morais contra a miséria, oferecendo uma assistência de caráter tanto facultativo como condicional: em troca dos favores concedidos espera-se a submissão dos beneficiário, como a mudança de condutas de acordo com as expectativas da classe dominante.” (RIZZINI; PILOTTI, 1995, p.36,37).

Outro aspecto facilmente percebido é que: a “ajuda ao próximo” estava muito ligada ao cuidado dos doentes, em hospitais e nas casas de cuidado pertencentes à Igreja Católica. Além disso, outro fato importante a ser ressaltado é de que esses cuidados estavam ligados à figura feminina. Isso é explicado porque, ao longo da história, a mulher foi responsabilizada pelo cuidado do lar e a dedicação à vida doméstica, isso incluía também os doentes. Na verdade, a relação da mulher com o cuidar foi mistificado socialmente, criou-se uma ideia de que seria “natural” ao sexo feminino esse papel social. (KUCHEMANN; PEFEILSTICKER, 2010). Essa concepção é antiga, no entanto, as consequências disso podem ser observadas até os dias de hoje. Especialmente quando se trata de voluntariado, tanto formal, quanto informal, o primeiro quando há uma escolha e no último quando o cuidado é compulsório. Ou seja, quando não há uma escolha, mas sim uma obrigatoriedade do cuidado do doente que normalmente faz parte do núcleo familiar.

Dessa forma, o papel da mulher na história do voluntariado é obviamente imprescindível. Posto que, era comum que as mulheres, além do cuidado obrigatório das crianças, dos idosos e doentes pertencentes à sua família, ainda se voluntariassem em hospitais e casas de cuidado pertencentes à Igreja. Isto porque, o cuidar de enfermos era seu “papel social”, além disso, existia a relação da conquista da salvação, ideal cristão, a partir do trabalho social.

Retomando a questão da Igreja Católica, o seu cenário de protagonismo em relação à promoção do trabalho voluntário, só começa a ser modificado a partir do século XIX, após a ruptura de sua aliança com a maioria dos Estados dos países europeus. Vale pôr em evidência que isso não se deu de forma instantânea, nem de forma homogênea, cada país teve seu próprio processo de separação governo-religiosa. Apesar dessa quebra, a Igreja não deixou de financiar o trabalho voluntário e a assistência social, haja vista que, sob essa perspectiva, existe um *ethos* que fundamenta a “ajuda ao próximo” como uma prática moral e religiosa. Dessa forma, até os dias de hoje, ela ainda tem um importante papel quando se trata do apoio social, e isso é possível perceber no Brasil e no mundo.

Se a Igreja ainda é caracterizada em condição *sine qua non* ao setor social, surge o questionamento: quais foram as consequências dessa ruptura com o Estado Contemporâneo, em verdade, o que mudou?

Segundo Rodrigo Monteiro (2007), a ruptura do Estado com a Igreja se deu na maior parte dos países da Europa, a partir de fatores sociais, políticos e econômicos, que sofreram influências, sobretudo, da Reforma Protestante, das Revoluções, Industrial e Francesa e do Iluminismo. Nesse contexto, um fato extremamente marcante é o surgimento de vários governos republicanos em substituição às monarquias. Ou seja, na teoria, com a premissa de abandono à lógica monarquista, os jovens países republicanos passariam a adotar novos interesses e priorizar as necessidades do povo, deixando de lado os interesses da Igreja ou nobreza. E foi com a tentativa de minimizar as desigualdades sociais, que esses governos passaram a investir em escolas, hospitais e instituições de assistência e de combate à pobreza.

Em função disso, o trabalho social passou a ser cada vez mais valorizado e incentivado. Contudo, em virtude das guerras e crises mundiais, a maioria dos novos Estados republicanos não conseguia arcar com os “gastos” que os setores comunitários demandavam. E, assim, entre os séculos XIX e XX, começaram a surgir inúmeras Organizações Não Governamentais<sup>1</sup> e Organizações Sociais<sup>2</sup> todos os continentes, com o intuito de algum modo amenizar os efeitos da não assistência do Estado. (LEWIS, KANJI, THEMUDO, 2020). Diga-se de passagem, a ausência do Estado foi um fator culminante para a definição do

---

<sup>1</sup> Uma **organização não governamental (ONG)** é uma instituição privada que atua na sociedade civil com o intuito de promover ações solidárias para um determinado grupo. Pertencente ao Terceiro Setor, pode atuar em diferentes áreas, tais como educação, saúde, meio ambiente, economia, assistência social, dentre outras.

<sup>2</sup> Organizações sociais **são** entidades privadas sem fins lucrativos que recebem subvenção do governo para prestarem serviços de relevante interesse público. “Trata-se de uma espécie de terceirização dos serviços.”

voluntariado tal como concebemos atualmente, especialmente no que se refere à existência de leis regulamentadoras, direitos e estatutos.

Ao falar de diretrizes formais, é apenas ao longo do século XX que o voluntariado foi instituído, de fato, como Terceiro Setor no mundo e também no Brasil. (HOLANDA, 2003). Houve, com isso, alguns marcos no que diz respeito à valorização dessa atividade. Por exemplo, o ano de 2001 foi estabelecido como o Ano Internacional do Voluntariado, essa foi uma estratégia da Organização das Nações Unidas para provocar a mobilização dos cidadãos, grupos e instituições; e assim, trazer à responsabilidade dos problemas sociais do país para todas as instâncias da sociedade. Dessa forma, houve um grande movimento de incentivo por parte dos organismos internacionais e também da sociedade civil, no Brasil, por exemplo:

“Hoje, por parte do governo, ampliam-se os recursos na área social e mobilizam-se os diversos segmentos sociais, para voluntariamente contribuírem no enfrentamento desses problemas. [...] O Brasil se destacou mundialmente não apenas nas comemorações do Ano Internacional do Voluntário como, principalmente, no avanço da discussão e da prática do trabalho voluntário. A PUC SP e diversos parceiros como, Comitê para o AIV da Comunidade Solidária, Departamento de Voluntários do Einstein, ADRA, Liga das Senhoras Católicas, Tem Yad, GRAAC, Fundo Social de Solidariedade, APFCC - Núcleo Hospital Darcy Vargas, Deric, Apae Movimento Arrastão, Voluntariado Pentágono, Associação Santa Terezinha e PUC Júnior, organizaram de 01 a 04/07/2001 o I Congresso Brasileiro do Voluntariado, evento que reuniu 800 pessoas, com a presença de todos os Estados da Federação, para refletir, discutir e propor caminhos de atuação e desenvolvimento do trabalho voluntário em nosso país”. (Congresso do Voluntariado, PUC-SP, 2003)

A partir dessa conjuntura de grande avanço no desenvolvimento de instituições de apoio à sociedade, percebeu-se a necessidade de regulamentar juridicamente as instituições sociais em parceria com a Administração Pública, a fim de alcançar objetivos de interesse público. Por essa razão, foi aprovada em 01/08/2014, a Lei nº 13.019/2014, a qual foi nomeada como *Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC)*. É importante pontuar que a maioria dos países, especialmente os que fazem parte da ONU, tornaram-se adeptos dessa postura, países do mundo todo voltaram seus olhos para o Terceiro Setor. (HOLANDA, 2003)

E por esse motivo, os sistemas políticos, sociais e econômicos também foram influenciados pela nova postura desses países. Um fator que chama muito atenção, ao analisar o desenvolvimento das políticas de incentivo ao serviço social e trabalho voluntário, diz respeito ao setor econômico. Grandes empresas em todo mundo seguiram “a nova onda” de conscientização e responsabilização por problemas sociais. Muitas empresas passaram a ser reconhecidas como “cidadãs”, ao realizarem doações às instituições de apoio à sociedade.

Além disso, criaram-se incentivos fiscais para que o setor privado fosse estimulado a se envolver com o Terceiro Setor. Dessa forma, cessas empresas acabam se beneficiando, haja vista que é possível ocorrer à dedução de impostos em virtude das doações e incentivos realizados, lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995.

No contexto brasileiro, muitas empresas fazem esse tipo de procedimento, o que é, na verdade, uma troca de benefícios. Essa troca é extremamente importante para as ONGS e OS de modo geral, e é claro, por consequência, é importante para a continuação do trabalho voluntário. Posto que, sem essas doações, as instituições não conseguiriam manter a estrutura física desses espaços, e sem isso, muitas ONGS e OS deixariam de existir, impossibilitando o trabalho voluntário formal.

## 2.2 OS HOSPITAIS E O VOLUNTARIADO

Tendo em vista as questões abordadas anteriormente, faz-se necessário entender, de forma breve e geral, a relação entre o voluntariado e os hospitais durante a história da humanidade. É importante destacar, como já esclarecido anteriormente que o voluntariado é um termo recente que nomeia uma prática antiga. Do mesmo modo, a concepção de hospital também é recente.

Dessa maneira, em ambos os casos, pode-se observar, ao longo da história, que existiram “sementes” que contribuiriam na formação desses conceitos tal como concebemos na contemporaneidade. No caso dos hospitais, é válido ressaltar que esse termo foi criado a partir da prática médica, sendo essas atividades consideradas de caráter “científico”. Mesmo que, nos primeiros hospitais formais no ocidente, do período medieval, por exemplo, a religião também era considerada como prática médica.

Ao tratar da origem dos hospitais, existem muitas controvérsias, haja vista que não há uma determinação exata de quando e onde os hospitais surgiram, mas uma coisa é comum aos autores: há uma grande diferença entre o hospital como conhecemos hoje e os primeiros a serem criados. (NEUFELD, 2013).

Segundo Vieira (2022), muitos historiadores relatam que os primeiros hospitais surgiram no Egito e, sobretudo, no Oriente. Tendo em vista os relatos das primeiras instituições destinados ao cuidado de doentes a partir do surgimento do Budismo (528 aC). Isso porquê, a figura que criou a religião, Sidartha Gautama, criou inúmeros hospitais:

“Os descendentes de Buda, e muitos governantes que abraçaram sua causa, criaram grande número de hospitais e escolas médicas em diferentes regiões da Ásia. Caracteristicamente, estes hospitais eram construídos quase sempre contíguos aos mosteiros. Apesar do limitado nível tecnológico daqueles tempos, essas

instituições apresentavam certo padrão de organização com assistência de médicos “qualificados” e de enfermeiros e prescrição de dietas e administração de medicamentos aos enfermos. Neste período, surgiu uma rede hospitalar com atendimento para tratamento de doentes em geral, maternidade, quarentena e repouso a convalescentes”. (NEUFELD, 2013. p.8).

Enquanto, no mesmo período, não existiam hospitais formais no ocidente. Isto é, um ambiente destinado apenas ao cuidado dos doentes com uso de práticas médicas. Na sociedade greco-romana, por exemplo, os sacerdotes eram responsáveis por administrar as práticas da medicina. Dessa forma, os enfermos costumavam ser tratados nos templos. (NEUFELD, 2013) É só a partir da difusão do cristianismo e da consolidação da Igreja Católica como instituição, que os hospitais, no contexto ocidental, ganham novos ares. E isso está totalmente ligado ao *ethos* cristão. Como visto no tópico anterior, ajudar o necessitado, o pobre e o doente seria um meio para alcançar graça celestial. (BENEDETTI, 2017). Assim, muitas igrejas abriram suas portas para receber aqueles que foram acometidos de doenças e outros males.

A partir da ascensão do cristianismo, os hospitais entraram em uma nova fase de sua história.(7) A concepção de que era necessário dar assistência social às pessoas que se encontravam sob grande infortúnio surgiu como um dos fundamentos da nova fé.(11) Valores mais humanitários se difundiram com o crescimento da religião cristã e passaram a nortear as ações dos crentes e dos novos convertidos.(10) No final do Império Romano e no período medieval, a caridade se transformou em um dos mais importantes instrumentos de elevação espiritual.(5) Neste ambiente de base religiosa, foram, então, criados os hospitais medievais.(NEUFELD, 2013, p.8)

Desse modo, iniciou-se a relação do que viria a ser o “trabalho voluntário” - dedicado aos enfermos que estavam alocados nas dependências das igrejas, - com o que futuramente seria o “hospital” formal.

Assim, são com os estímulos da Igreja Católica que finalmente os hospitais formais se espalharam no ocidente e, assim, conseqüentemente, a prática do cuidado não remunerado nesses ambientes aumentaram. Levando todos esses aspectos em consideração, percebe-se, mais uma vez, o protagonismo do Cristianismo ao promover a prática da ajuda aos doentes em hospitais. Além de impulsionar a difusão de hospitais no ocidente, as Igrejas tinham o domínio deles. (NEUFELD, 2013). Ou seja, os fiéis, em sua maioria mulheres, tornavam-se “voluntários” nos hospitais pertencentes à Instituição onde professavam sua fé.

Com o desvencilhamento entre a Igreja Católica e o Estado Moderno, os hospitais, que antes estavam sob a responsabilidade da Instituição cristã, passaram a estar debaixo da

jurisdição do Estado. No entanto, apesar das novas mudanças político-sociais, houve poucas alterações nas práticas hospitalares, apesar da eminente evolução científica e os novos métodos da medicina, ainda manteve-se a lógica religiosa como mecanismo de cura, do corpo e da alma. Assim, vejamos:

Com a crise nos alicerces da Igreja, bem como dificuldades de âmbito econômico, político e social, uma nova ordem hospitalar se instalou.(13) A partir do século XIII, o hospital medieval começou a sair do controle eclesiástico e a passar à jurisdição secular, principalmente, nas áreas urbanas.(9) O progresso das cidades na Europa e o acúmulo de riqueza e poder pela burguesia estimularam as autoridades municipais a assumirem as atividades assistenciais da Igreja.(10) A laicização da administração dos hospitais, na verdade, tornou-se mais evidente com a "Reforma Protestante" e a ascensão do Estado absolutista.(5) Todavia, num primeiro momento, os hospitais alteraram muito pouco suas características fundamentais, pois mantiveram-se como um misto de hospedaria e instituição de tratamento ainda associada à medicina não científica ("salvação da alma" e assistência alimentar). Os trabalhos religiosos também continuaram sendo desempenhados regularmente em seu interior.(11) Não obstante um começo sem grandes mudanças, estas ocorreram, progressivamente, nos séculos seguintes.(5) Nos hospitais, surgiram dois grupos de gestores, os diretores, voltados para o controle e administração dos negócios da instituição, e os oficiais, relacionados à operacionalização hospitalar propriamente dita.(13) O planejamento das edificações se alterou, houve distinção entre as funções de assistência (alojamento) e apoio (logística), bem como separação de doentes por patologia e sexo. A oferta de leitos também aumentou.(10) Arquiteticamente, foram introduzidas novas formas construtivas, fazendo com que os hospitais deixassem de ter um aspecto de igreja (claustro e nave) e passassem a ter uma aparência de palácio. (NEUFELD, 2013. p,11)

Dessa forma, percebe-se que a prática do trabalho social, o cuidado voluntário dos doentes e as doações aos hospitais, permaneceram mesmo após a ruptura político-religiosa. Assim, essas práticas sociais, que foram constituídas nos hospitais a partir de uma lógica cristã, continuarem a existir, aliás, se popularizaram cada vez mais e foram institucionalizadas. Ou seja, os governos passaram a incentivar esse tipo de ação, haja vista que o Estado não conseguia sustentar todos os novos hospitais que surgiam.

E assim estabeleceu-se a relação da prática voluntária nos hospitais, a qual se tornou cada vez mais próxima ao longo da história. Mas, foi somente na contemporaneidade que esta atividade foi regulamentada e se tornou muito comum. Hoje em dia, é possível ver facilmente, no Brasil, por exemplo, muitos voluntários nos hospitais, oferecendo seu tempo livre e energia.

### 2.3 OS INTERESSES

A partir de todas as informações trazidas no primeiro tópico deste capítulo, é possível afirmar que o trabalho voluntário sempre esteve ligado ao contexto social, isso significa que sofreu influências a partir das mudanças políticas e econômicas e, é claro, em virtude de fatores históricos. Dessa forma, é possível observar que essa atividade foi ressignificada a depender de diversos aspectos que circundaram e circundam as esferas sociais, e, obviamente, ao estilo de vida dos indivíduos. Além disso, não se podem esquecer os sentidos simbólicos dados pelas pessoas que decidem se tornar voluntárias e também para a sociedade de modo geral.

Em um sentido amplo, a partir de leituras outras, é fato afirmar que muitas instituições ajudaram o desenvolvimento do voluntariado, são elas: Igreja, Instituições de Ensino, Estado e Empresas, é claro que, esses estímulos também partiram de interesses. A Igreja Católica, como já citado, incentivou e incentiva o trabalho voluntário, a partir de ideais da perspectiva cristã, a qual pressupõe a ajuda ao próximo como uma virtude. Além disso, com o incentivo ao voluntariado, essa instituição religiosa também instiga a realização de doações por parte de seus fieis. Desse modo, as doações ajudam a manter as igrejas e, por consequência, as instituições de apoio que estão sob sua responsabilidade.

Agora, sob uma análise dentro da atual perspectiva democrática, para o Estado, o trabalho voluntário é extremamente interessante para o funcionamento da sociedade. Haja vista que, com a existência de ONGS e OS, torna-se possível alcançar zonas de ausência de assistência estatal. Os efeitos dessa ausência podem ser aliviados através das instituições de apoio e também dos voluntários que compõem a força de trabalho nas organizações. Em teoria, a existência das organizações paraestatais, bem como as atividades voluntárias promovidas por elas, não devem substituir os compromissos do Estado com a população, mas sim, ser apenas um instrumento de apoio. (SELLI e GARRAFA, 2006). No entanto, não é o que de fato acontece, isso é possível perceber em muitas sociedades, especialmente em países que adotam uma lógica de economia neoliberal. Isto por que: “O neoliberalismo fundamenta-se numa crítica ao Estado interventor, propondo o desmantelamento do Estado de Bem-Estar, com cortes dos gastos na área social, focalização das políticas públicas e a sua privatização, constituindo a proposta do Estado mínimo.” (FAGUNDES, 2006, p.3).

Pode-se dizer que, na verdade, a existência do voluntariado dentro das ONGS e OS, em sua maioria, são uma resposta ao não cumprimento do papel social do Estado. Posto que, o modelo econômico neoliberal além de provocar o aumento de desigualdades sociais, em

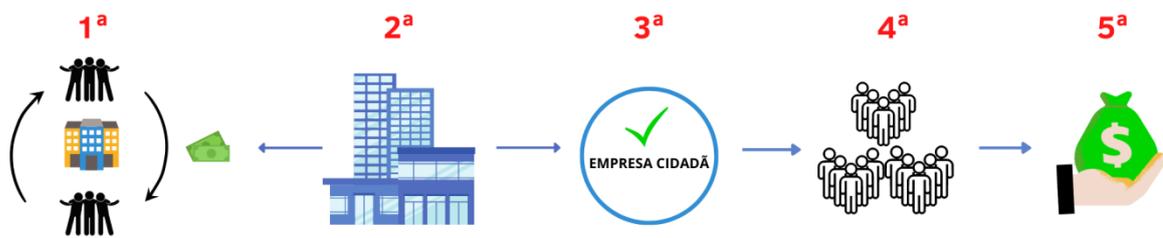
razão do acúmulo de capital por grupos pequenos; deixa quase totalmente a cargo de iniciativas populares a criação de espaços que possam atender às demandas de assistência social.

Nesse sentido, é de extrema importância para o Modelo Neoliberal de governo a existência do voluntariado, fundamentado no imaginário de “solidariedade” em organizações do Terceiro Setor. Sob essa lógica, o Estado desobriga-se de suas responsabilidades com a população e as transfere para a própria sociedade que deve se organizar civilmente, a fim de garantir seu próprio bem-estar. Ainda segundo Helena Fagundes (2006):

O atual domínio neoliberal tem aumentado a escalada de pobreza em consequência desse modelo de ajuste estrutural, ao mesmo tempo em que procura mobilizar a “sociedade civil” através do chamado “terceiro setor”, incentivando o trabalho voluntário na perspectiva da solidariedade. Percebe-se que a intenção apregoada pelo neoliberalismo, de tornar as oportunidades iguais, por serem livres e trazerem melhores condições de vida para todos, foi transferida para iniciativas particularizadas. [...] A sociedade civil passou de um espaço admitido como o lugar de lutas políticas para uma imagem que conduz a sociedade civil para o “auxílio gerencial de um arranjo societal” que pode determinar e dar condições para que sejam viabilizadas algumas políticas públicas, sendo também reconhecida como o palco para reconstrução da ética e do diálogo na sociedade. (p.7)

Sob a ótica Capitalista Neoliberal, para as empresas, o trabalho voluntário também é um aspecto de interesse, talvez isso não se mostre explícito. Mas é a partir do trabalho voluntário que a maioria das Instituições, as quais recebem as doações e patrocínios das empresas, mantêm seu funcionamento, com o atendimento à comunidade, com arrecadação de recursos, entre diversos outros tipos de trabalho. É só a partir do funcionamento das instituições, onde o trabalho voluntário é a principal engrenagem, que, as empresas podem criar vínculos com essas instituições. Esse vínculo resulta no abatimento de impostos, com isso, é possível receber o título de “empresa cidadã” como citado anteriormente. Esse título, viabiliza a criação de estratégias de marketing que utilizam o slogan da “cidadania” para atrair prestígio social e conseqüentemente, influenciando diretamente na adesão de clientes. A ilustração abaixo resume de forma simplista ao demonstrar como o voluntariado se torna interessante para as empresas, vejamos:

**Figura 1:** Ciclo de relação voluntariado-instituição-empresa.



Fonte: Figura criada pela autora

Na primeira figura é demonstrada a importância dos indivíduos voluntários para a manutenção e existência da Instituição. Na 2ª figura, é ilustrado uma empresa que faz doação à Instituição da 1ª figura, em seguida, ao fazer a doação, recebe no título de empresa cidadã (figura 3). Já as figuras 4ª e 5ª, indicam que, em razão de sua atividade social, a empresa recebe o título e passa a ser bem vista socialmente, atraindo, por conseguinte, mais clientes, o que resulta no aumento de seus lucros e faturamentos.

Não é a intenção aqui adotar uma perspectiva reducionista ao falar dos diversos fatores que podem levar empresas privadas a se tornarem doadoras e patrocinadoras do Terceiro Setor. Isto é, não se pode negar ou simplesmente excluir a complexidade que envolve o altruísmo e a solidariedade, por parte dos funcionários e empresários, por exemplo, - os quais têm um importante papel no envolvimento dessas empresas nas ações sociais. (PELIANO, 2001). No entanto, como este tópico propõe, ao se tratar de interesses, de fato é possível presumir qual é o motivo fundamental e o real plano de fundo dentro da lógica econômica aqui apresentada. Afinal, pensar que o investimento de empresas no Terceiro Setor é totalmente fundamentado na bondade e solidariedade, parece minimamente ingênuo. Existe uma complexidade para além da bondade e do interesse exclusivamente. A autora Anna M. Peliano (2001), aponta:

No entanto, fatores de caráter filantrópico, que sempre estiveram presentes no meio empresarial, não são suficientes para explicar o crescente envolvimento dos empresários com os problemas sociais. Não por acaso, as empresas ampliaram na década de 1990 sua participação na realização de ações sociais para a comunidade. Esse período foi marcado por inúmeras mudanças nas estratégias empresariais, com o objetivo de atender às novas exigências de uma economia globalizada na qual o país se inseria. Entre essas novas exigências surge a questão da responsabilidade social como fator de competitividade, ou seja, empresas socialmente ativas promovem sua imagem junto aos consumidores, melhoram o relacionamento com as comunidades vizinhas e percebem ganhos de produtividade de seus trabalhadores. (p.33)

Pode-se dizer com isso, que é ingênuo pensar que o trabalho voluntário é motivado estritamente em função da solidariedade ou empatia, obviamente há diversos interesses envolvidos no incentivo deste tipo de trabalho seja pelas empresas ou pelo Estado. Queira ou não queira, é também em virtude dos interesses dessas instituições e empresas que é possível sustentar as organizações sociais, as quais, por conseguinte, têm o papel de promover a manutenção de valores humanitários e o incentivo ao voluntariado. Ou seja, no fim, esses interesses se traduzem, em certa medida, na manutenção da existência das ONGS, OS e Hospitais que promovem o voluntariado. Como ressaltado previamente, apesar de ter um cenário capitalista como plano de fundo, bem como todos os malefícios que este tipo de sistema traz consigo, existe uma relação extremamente complexa – a qual daria pano para um estudo aprofundado apenas sobre estas relações - entre os interesses e a existência do voluntariado nas instituições.

No entanto seguiremos para o quê este trabalho se propõe: apresentar fontes bibliográficas que demonstrem quais são as possíveis *motivações*, daqueles que decidem desenvolver esse tipo de atividade e ajudar o próximo, quer dizer, parte do objeto dessa pesquisa.

### 3. MOTIVAÇÕES

Antes de iniciar diretamente a revisão a respeito das motivações dos voluntários, é importante apresentar, de modo geral, alguns estudos sobre o conceito de “motivações”, bem como as principais teorias relacionadas ao estudo das “motivações para o trabalho voluntário”.

Como diria Sancho (2002), a motivação normalmente é pensada como causadora de comportamento e condutas, sendo atribuída a partir de fatores externos e internos aos indivíduos. É válido frisar que é possível encontrar três principais linhas teóricas para os fenômenos da motivação. (GOMES, QUELHAS, 2003)

De acordo com Gomes, Quelhas (2003):

Existem, basicamente, três correntes interpretativas do fenômeno da motivação: a) uma, que entende a motivação como sendo gerada exclusivamente por fatores externos ao indivíduo e, conseqüentemente, confere um caráter de automatismo ao comportamento humano. Esta corrente é representada pelo behaviorismo, cujos maiores expoentes – Pavlov, Thorndike e Skinner – desenvolveram os conceitos de reflexo condicionado, lei do efeito e condicionamento operante. b) outra, que interpreta a motivação do indivíduo como sendo decorrência do seu raciocínio relacionado com fatores externos, e, por conseguinte, entende o comportamento como sendo puramente racional. Esta corrente, representada por teóricos como Victor H. Wroom e Stacy Adams, engloba as teorias cognitivistas ou da motivação consciente. c) e outra, que explica a motivação como sendo uma força que energiza o comportamento e que se forma dentro da própria pessoa por meio de um processo dinâmico que envolve todo o conjunto dos componentes da personalidade. Esta linha teórica – em que o comportamento é entendido como a manifestação observável do produto da interação de fatores tais como a razão, a vontade, a emoção, os instintos, as carências etc. – é representada basicamente pela teoria da motivação intrínseca, defendida por autores como Bergamini e Archer, e engloba as teorias da hierarquia das necessidades de Maslow e da motivação-higiene de Herzberg. (p.5)

As três principais correntes teóricas citadas acima não são, de maneira alguma, únicas. Existem incontáveis teorias e vertentes que discutem a motivação humana, sob a perspectiva, por exemplo, da psicologia, antropologia, sociologia, filosofia, história etc. E é em função disso que, ao buscar as origens do comportamento humano e suas causas motivadoras, aparentemente não é possível abarcar em uma única fonte a totalidade que esta temática traz consigo. (GOMES, QUELHAS, 2003). Assim, “não existe uma única teoria que seja capaz de desvendar todas as características próprias da psicodinâmica motivacional de uma só vez”. (BERGAMINI, 1997, p. 38).

Para além das vertentes teóricas citadas anteriormente, é válido pontuar que, a maioria dos estudos sobre “as motivações” na atualidade, foi pensada a partir de um contexto

mercadológico. Ou seja, são interpretações feitas a partir de análises da vivência dos indivíduos em seus trabalhos formais, isto é, trabalhos assalariados. No entanto, esses estudos carregam um ponto em comum a ser refletido ao ser relacionado com a teoria das motivações no voluntariado: seriam as motivações humanas multifacetadas? Ou seja, as motivações provêm de diversos fatores e razões? As motivações são consequências de fatores estritamente internos ou externos? Ou se misturam em alguma medida?

Dentre essas e outras, a maioria das teorias – as quais procuram analisar os fatores que fazem as pessoas permanecerem em seu ambiente de trabalho, baseado em algum tipo de prazer e satisfação na atividade exercida – levam a crer que existem aspectos, externos e internos aos indivíduos, os quais coexistem e motivam a permanência e constância de suas atividades no espaço laboral. Apesar de se tocarem em algum ponto – isto é: no caráter multifacetado das motivações - existem muitas diferenças ao se comparar as teorias sobre as motivações para o exercício do trabalho formal e as do trabalho voluntário. (CAVALCANTE, 2016). E é em função disso que é importante frisar que as teorias que buscam entender as motivações por trás dos interesses daqueles que se voluntariam, são outras. Isto, por que:

[..] Talvez a principal diferença esteja justamente nas motivações (CNAAN. CASCIO, 1998; MESCH et al., 1998; PEARCE, 1983; LIAO TROTH, 2001). Cnaan e Cascio (1998), por exemplo, destacam outras diferenças, como a dimensão monetária, o tempo disponibilizado (muitas vezes, algumas horas por semana pelos voluntários), a possibilidade de fazer parte de várias organizações não governamentais simultaneamente, o recrutamento (que comumente é informal), a aceitação das normas e valores organizacionais (que nem sempre acontece) e a relutância das organizações em avaliar o desempenho dos voluntários. (CAVALCANTE, 2016 p.61)

Segundo Cavalcante (2016), é só ao admitir as diferenças incutidas entre as motivações para a realização do trabalho formal e voluntário, que torna-se possível justificar, ainda, a importância da investigação das motivações dos indivíduos para a realização do trabalho voluntário.

### 3.1 AS MOTIVAÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS

Ao pesquisar fontes bibliográficas que auxiliassem na compreensão das motivações, das atividades no Terceiro Setor, para em seguida afunilar a pesquisa sobre as motivações no que diz respeito ao voluntariado no contexto hospitalar, foi possível encontrar inúmeras referências. Esses escritos normalmente resultaram em classificações que categorizam as motivações da pessoa voluntária como: unidimensional ou multidimensionais.

(CAVALCANTE, 2016). Em virtude dessa diferenciação, faz-se necessário uma breve apresentação sobre esses dois modelos e as suas definições.

Antes de tudo, é importante frisar, primeiramente, que a discussão sobre os aspectos disparens encontrados nessas duas diferentes formas de classificar as motivações, ao trabalho voluntário, citadas no parágrafo anterior, são posteriores à criação do “Modelo de dois fatores”. Segundo Bitencourt, Gemelli, Santos, 2016, esse modelo foi estruturado e desenvolvido no ano de 1981, pelo norte-americano Horton Smith. Sob esse olhar, o trabalho voluntário se fundamentaria no desejo de ajudar o próximo e a comunidade, isto é, uma motivação altruísta. Ou, o contrário, tornar-se voluntário estaria ligado a uma preocupação do indivíduo voltada para si mesmo, às suas necessidades e aos possíveis benefícios que esta ação traria, quer dizer, a ação teria uma razão egoísta. (CLARY e SNYDER, 1999).

O modelo de dois fatores pode ser resumido, pelo quadro de classificação abaixo:

**Quadro 1:** Motivações Altruístas e Egoístas

<b>Categoria da Motivação</b>	<b>Alegações Subjetivas</b>
Altruísta	Ajudar aos outros; Obrigação de retribuir por algo recebido; Dever cívico; Convicção religiosa; Fazer uma diferença no mundo; Crença na causa.
Egoísta (Interesse Próprio)	Adquirir experiência; Desenvolver novas habilidades; Constituir amizades; Causar boa impressão a alguém; Sentir-se importante e útil; Exibir capacidade de liderança; Experimentar novos estilos de vida e culturas; Prazer e alegria.

Fonte: (BITENCOURT, GEMELLI, SANTOS, 2016, n.p apud McCURLEY e LYNCH 1998)

Ainda segundo Bitencourt, Gemelli, Santos,(2016), alguns autores como: Perry (1996), McCurley e Lynch (1998), Anheier e Salamon (1999), Anderson e Shaw (1999), Cavalcante (2002), Bussel e Forbes (2002), Yeung (2004), Prouteau e Wolff (2007), Souza e Medeiros (2012), baseados na conceituação de Smith, discutiram também as motivações encontradas em suas pesquisas, pelas duas perspectivas: altruístas e egoístas.

Partindo agora para a diferenciação entre as classificações das motivações, proposta no 1º parágrafo. Ao falar de unidimensionalismo, pode-se dizer que essa forma de classificação utiliza o modelo de dois fatores de Smith para classificar as motivações. No entanto, de acordo com essa classificação apenas um fator justificaria as motivações à realização do trabalho voluntário. Ou seja, dentro dessa perspectiva, as motivações e suas razões concentram-se em um único aspecto, e isso seria o que define a decisão e permanência dos indivíduos nesta prática. A perspectiva unidimensional classifica as motivações como egoísta **ou** altruístas.

Por exemplo, Bussel e Forbes (2002) definem o altruísmo como dimensão única a qual justifica as motivações dos voluntários. Sob essa perspectiva, o trabalho voluntário é interpretado como fruto do altruísmo e essa ação é voltada para o “outro”, incluiria os sentimentos de solidariedade, empatia, justiça-social e compaixão. Assim, essas noções resultariam na doação de energia e tempo para a realização desse tipo de atividade.

Outros autores que também concebem a motivação de forma unidimensional são Nichols e King (1999), para eles, o trabalho voluntário é um produto de fatores que beneficiariam o indivíduo, com um “*status*” de ser voluntário (ser considerado uma pessoa “boa” pelos outros indivíduos da sociedade) e o orgulho de ajudar o outro. Sob essa perspectiva, os interesses centram-se em um único aspecto, o egocêntrico, mesmo que no fim, acabe ajudando outras pessoas.

Apesar de serem consideradas menos sofisticadas quando se trata de investigar as motivações, as teorias que utilizam o modelo unidimensional têm extrema importância para a compreensão do papel de cada fator a fim de investiga-lo isoladamente. Por exemplo, com a concepção de que o altruísmo é o principal fator à motivação, é possível aprofundar o entendimento das mais variadas formas de ações altruístas. Muitos autores consideram que a perspectiva Unidimensional gera um antagonismo o qual limita a classificação das motivações, e acaba por baseá-las somente no egocentrismo ou apenas no altruísmo, sendo a motivação caracterizada apenas por uma categoria e negando a existência de outros fatores. Assim, isso tenderia a criar uma concepção de: motivações puramente boas ou motivações completamente más.

Em contrapartida, existe o modelo multidimensional, sua conceituação está baseada na ideia de que: as motivações têm várias dimensões, são, segundo Clary e Syder (1999),

*multifacetadas*. Mas o que isso significa? Ao contrário da perspectiva unidimensionalista, levando em consideração o modelo de dois fatores, a teoria multidimensional entende que as motivações não podem ser classificadas totalmente como egoísta ou puramente altruístas, isto é, elas podem concomitantemente existirem. Além disso, há alguns autores que acrescentam também outras categorias de análise para além das duas propostas no modelo de Smith, assim sendo, as motivações são muito mais complexas do que se imaginaria. (FISCHER e SCHAFFER, 1993). Segundo Geiser, Okun e Grano (2014), a maioria das pesquisas feitas, seguindo essa lógica de compreensão, demonstraram que existem fatores para além do altruísmo e egoísmo e eles se misturam.

Entretanto, modelos multidimensionais demonstram que a motivação em voluntariar tem influências outras, além do altruísmo, o que leva a crer que esse fenômeno é multidimensionado. Cnaan e Goldenberg-Glen (1991) concluíram que, além do altruísmo, objetivos sociais e pessoais motivam as pessoas a voluntarias. (CAVALCANTE, 2016. p. 62)

É possível visualizar abaixo, como exemplo, um esquema classificatório multidimensional, o qual concebe a coexistência de motivações altruísta e egoístas e outros tipos encontradas em um único modelo.

**Quadro 2** – Funções do voluntariado e exemplos de indicadores do inventário das funções do Voluntário (VFI).

Função	Definição conceitual	Exemplo de indicadores
Valores	O indivíduo busca demonstrar valores relacionados ao altruísmo ou humanitarismo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estou mais interessado nos necessitados do que em mim</li> <li>- Sinto compaixão por pessoas necessitadas</li> <li>- Sinto que é importante ajudar os outros</li> </ul>
Social	Motivações ligadas ao relacionamento com os outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Meus amigos são voluntários</li> <li>- Pessoas próximas são voluntárias</li> <li>- Pessoas que conheço compartilham interesse em serviços comunitários</li> </ul>
Carreira	Motivações ligadas aos benefícios ligados à carreira profissional que podem ser obtidos com o trabalho voluntário	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posso fazer contatos úteis para meu negócio ou carreira</li> <li>- O voluntariado me ajudará a fazer uma escolha profissional</li> <li>- O voluntariado irá melhorar meu currículo</li> </ul>
	Indivíduo busca oportunidades de novos aprendizados ou de poder alcançar conhecimentos,	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posso aprender mais sobre a causa pela qual trabalho</li> <li>- O voluntariado me permite ter uma nova perspectiva das coisas</li> </ul>

Intelecto	que, de outra maneira, não seriam utilizados	- Posso explorar minhas próprias forças
Proteção	Sobre o ego defensivo ou a externalização o voluntariado se relaciona com a redução da culpa de ser mais afortunado que outros. Busco eliminar as consequências negativas desse comportamento.	- O voluntariado me ajuda a lidar com meus próprios problemas pessoais - O voluntariado é uma boa válvula de escape para meus problemas - O voluntariado me faz sentir menos sozinho
Estima	Também ligado ao ego, mas especialmente, ao contrário da função “proteção”, busca alcançar objetivos positivos.	- O voluntariado me faz sentir importante - O voluntariado aumenta minha autoestima - O voluntariado me faz sentir útil

**Fonte:** (CAVALCANTE, 2016. p.63, apud. CLARY et al. 1998; CLARY e SNYDER 1999).

Apesar de existirem muitos outros modelos como o apresentado acima, com diversas classificações, ainda não existe uma teoria que compreenda todos os possíveis fatores ligados às motivações da prática voluntária. Batson (2002; 1991) acredita que o número de motivações pode ser infinito. Ademais, além dos modelos discutidos aqui, existem inúmeros outros, assim, a cada caso o pesquisador deve fazer ponderações profundas, detalhando o perfil dos indivíduos entrevistados para conseguir distinguir as motivações e suas possíveis categorias. E é em virtude dessa dinamicidade, que normalmente os pesquisadores adotam tipos diferentes de modelos categóricos, ou até criam o seu próprio.

## 4. RESULTADOS E ANÁLISES

### 4.1 RESULTADOS

Tendo em vista a apresentação geral feita no capítulo anterior, no que diz respeito às principais teorias sobre as motivações dos voluntários. Os resultados obtidos neste capítulo respondem à questão posta como objetivo desta pesquisa. Assim, foi possível perceber que os estudos realizados sobre as motivações para o voluntariado desenvolvidas em ambientes hospitalares, demonstraram diversas perspectivas e categorias de sistematização para o objeto investigado. Isto implica dizer que, mesmo que o objeto fosse ainda mais comum aos autores encontrados neste capítulo, haja vista que todos investigaram as motivações ao trabalho voluntário em um mesmo cenário. Ainda sim, as formas de análise e as categorias adotadas para classificar os resultados obtidos nas entrevistas e questionários foram diferentes de autor para autor. Desse modo, vejamos:

A pesquisa, relacionada ao voluntariado com pacientes oncológicos, desenvolvida por: Souza, Bacalhau, Moura, Volpi, Marques, Rodrigues (2003), teve como um de seus principais objetivos de pesquisa a investigação das motivações de voluntárias que atendiam pacientes com câncer, sob a ótica da psicologia. Para isso, foram selecionadas para o estudo de caso 50 voluntárias em instituições no Brasil e em Portugal. Com o intuito de analisar os resultados encontrados durante a investigação, os autores utilizaram como instrumento de categorização o Inventário das Funções dos Voluntários, VFI<sup>3</sup> em inglês, (Clary & Snyder, 1991; Clary, Snyder, Ridge, Stukas, Copeland, Haugen, & Miene, 1998). O VFI ou IFV em português, é dividido nas seguintes categorias de fatores motivacionais: Valores, Experiência, Social, Carreira, Proteção e Autoestima. O VFI, “Volunteer Function Inventory”, é composto por 30 questões, as quais foram respondidas a partir de uma classificação valorativa, de forma crescente de 1 a 7, sendo 1- Nada importante e 7- Extremamente importante. O instrumento de análise de dados da pesquisa foi o SPSS, um software estatístico. Os resultados da pesquisa, dentro da amostra, demonstraram que: os voluntários que trabalham com doentes oncológicos apresentaram o altruísmo como principal motivação. No entanto, outro fator encontrado foi a existência de interesses individuais, isso porque foi encontrada uma motivação destacada pelos autores: de “alcançar a resolução de problemas vividos”. Um dado interessante demonstrado na pesquisa foi de que: em média 89% das entrevistadas tiveram experiências, pessoais ou em seus relacionamentos familiares, com o câncer. Além disso, os

---

<sup>3</sup> VFI: Volunteer Functions Inventory

dados encontrados neste estudo demonstraram que tanto as voluntárias do Brasil quanto as de Portugal deram o mesmo padrão de importância para os seguintes fatores: Valores, Experiência, Autoestima, Proteção, Social e Carreira. Ademais, esta pesquisa evidenciou que apesar do altruísmo se destacar como principal motivo, os voluntários são, ao mesmo tempo, altruístas e egoístas. Assim, não existiu um motivo único para o exercício do trabalho sem remuneração. (SOUZA; BACALHAU; MOURA; VOLIPI; MARQUES; RODRIGUES, 2003).

Marta Cristina Ortiz (2007), em seu estudo, desenvolveu sua investigação a partir de entrevistas semiestruturadas com 8 voluntários, conferiu um caráter qualitativo à sua pesquisa. É válido ressaltar que os voluntários foram selecionados a partir de 4 hospitais diferentes, os quais ela renomeou com nomes fantasias: Grupo Alfa, Grupo Beta, Grupo Gama e Grupo Delta. Também sob a ótica da psicologia, as questões de análise tiveram a premissa de compreender, o “sujeito-dobradiça”. Isto é, o indivíduo e suas subjetividades, seus discursos e suas motivações para a atividade exercida.

Para desenvolver a investigação, a autora utilizou a análise de discurso. Ela analisou as motivações a partir das razões para “Querer ser voluntário”. (ORTIZ, 2007). Em seus resultados, Ortiz fez comparações das falas entre os entrevistados, buscando encontrar semelhanças e diferenças entre os sentidos que os indivíduos deram ao exercício da atividade no contexto hospitalar. Apesar de não criar uma categoria sistemática para a classificação das motivações ou de “querer ser voluntário”. Foi a partir das análises de discurso que foi possível encontrar as seguintes respostas relacionadas às motivações: um desejo ou querer, dom ou fator genético, plano espiritual, reconhecimento de si, autoconhecimento e aprendizagem. (ORTIZ, 2007). Ainda nesse contexto, foi encontrado um fator extremamente importante: o voluntariado também é percebido como um “processo de transformação pessoal”. E muitos indivíduos buscam realizar essa atividade para “se exercer, se conhecer, se reconhecer e aprender”. (ORTIZ, 2007).

Lúcia e Maria Luiza falam do exercício de um dom natural, que acaba tomando conta desí, transformando-se num modo de vida. Ari fala do reconhecimento de uma dívida com Deus, ou o “Patrão”, que dá o direito de escolher o que se vai ser e fazer na vida. Aline e Raquel falam de um reconhecimento de si, de seus gostos e habilidades, por meio da escolha de um certo tipo de trabalho que a eles corresponda. Márcia e Tiago falam do auto-conhecimento pelo confronto com realidades estranhas, seja no outro, seja em si mesmo. Por fim, Julieta fala da aprendizagem do voluntário, daquilo que ele pode absorver e incorporar do ambiente hospitalar para seu próprio enriquecimento pessoal. (ORTIZ, 2007, p.121 e 122)

Já no estudo realizado por Selli, Garrafa, Jungues (2008), a partir das ciências médicas e da saúde, a análise das motivações dos voluntários foi desenvolvida e fundamentada na hipótese de que os voluntários poderiam ser e/ou se verem, de alguma forma, beneficiários da prática. E quando não, os voluntários direcionariam os benefícios para o bem comum, a sociedade. Assim, a pesquisa se deu a partir da investigação da influência desses supostos benefícios sobre as motivações dos voluntários. A metodologia utilizada nesse estudo foi de abordagem qualitativa, com 7 entrevistas semiestruturadas, sendo de caráter exploratórias. Assim, foram escolhidos, dentro de instituições de referência no tratamento do câncer no Estado do Rio de Janeiro, 110 voluntários em serviços de saúde. Para traçar e interpretar o perfil dos indivíduos entrevistados foi adotado um questionário para identificar suas posições em uma perspectiva socioeconômica e suas motivações para a realização da atividade.

Para entender se as motivações estavam relacionadas aos benefícios, os autores sistematizaram a análise da seguinte forma: polo individual, polo dual e polo coletivo. No primeiro, foram analisadas as motivações relacionadas ao voluntário sendo o maior beneficiário da prática, e suas motivações são descritas em: “As razões alegadas, fundamentando a ideia de ser o voluntário o maior beneficiário do trabalho por ele realizado, estão relacionadas ao aprendizado, à superação de si mesmo, ao redimensionamento do cotidiano e ao encontro com a própria humanidade.” (SELLI, GARRAFA, JUNGES, 2008. p.1087). São encontradas também motivações subjetivas no polo individual “nesse contexto, o trabalho voluntário, expressa uma exigência no plano da realização pessoal, caracterizado como um lugar de refúgio e um espaço para encontrar motivos para viver com maior intensidade e conferir um sentido útil à existência”. (SELLI; GARRAFA; JUNGES, 2008. p.1088).

No polo dual, as motivações dos voluntários centram-se em promover ajuda aos pacientes e, em troca, são beneficiados também. No polo dual é estabelecida uma relação de reciprocidade, onde os ganhos são mútuos: “o paciente é beneficiado porque ele recebe amor, atenção, apoio, ele tem cuidados, em contrapartida, o voluntário se beneficia porque ele se torna um realizador de si mesmo”. (SELLI; GARRAFA; JUNGES, 2008. p.1088).

Por último, no polo coletivo, as motivações dos voluntários estariam centradas no alcance de melhorias para a sociedade de modo geral. Dessa forma, o interesse do indivíduo que se propõe a realização da prática voluntária teria como principal razão o benefício coletivo, nesse polo estão relacionadas os fatores: justiça social e exercício da cidadania. (SELLI; GARRAFA; JUNGES, 2008.)

A partir da divisão dos polos para a investigação das motivações, os autores chegaram aos seguintes resultados:

A diversidade motivacional dos resultados define a compreensão dos voluntários sobre os beneficiários de seu trabalho, com maior ênfase sobre as motivações centradas no pólo individual e no pólo dual. Quanto ao pólo social (benefícios coletivos) do trabalho voluntário, as motivações traduzem um comprometimento com a transformação e bem-estar social.( SELLI; GARRAFA; JUNGES, 2008. p.1088)

Na investigação desenvolvida, no Hospital José Luciano de Castro, por Dora Raquel Fernandes Gomes (2009), sob a perspectiva da sociologia, foi utilizado o estudo de caso como instrumento metodológico para construir uma investigação das falas dos entrevistados, o grupo amostral foi de 9 voluntários. Para a análise dos discursos procurou-se encontrar significações, as quais traduzissem as motivações circunscritas às vivências dos indivíduos ao se tornar voluntários e os seus “mundos vividos”. Foram encontradas, à primeira vista, as palavras: “desejo” e “querer” relacionadas às motivações para a atividade.

Foi observado, a partir da análise de cada entrevista, que alguns entrevistados apresentaram casos de doença na família e doença a nível pessoal. Além disso, outros voluntários apresentaram um desejo ligado às suas próprias necessidades, o que culminaria em um tipo de realização pessoal. Assim, à primeira vista, a autora verificou que os motivos para o voluntariado estavam relacionados à: “experiência anterior com a doença com amigos, familiares ou pessoal e a busca da realização pessoal no atendimento às necessidades especiais”. (GOMES, 2009. p.68). Na pesquisa desenvolvida pela autora, os fatores que se mostram indiretamente decisivos à adesão dos entrevistados na prática voluntária em um contexto hospitalar, são: um desejo de “transformação pessoal” conectado a expectativa de um “enriquecimento pessoal” ou, ainda, uma forma de “aprendizagem”.

Gomes (2009) salienta que, nos casos relacionados ao desejo de “transformação pessoal”, muitas voluntárias apresentaram certo nível de mudança de personalidade, ao vestir uma “pele”, que se adequaria a prática do voluntariado. Já no que diz respeito ao “enriquecimento pessoal/aprendizagem”, o voluntariado significaria uma oportunidade de aprender com os doentes e as suas experiências dentro do contexto hospitalar. Quanto aos fatores que influenciaram diretamente a adesão a causa, o principal aspecto seria a busca pela melhoria do “bem-estar” dos pacientes. Ser voluntário seria um tipo de doação de si para o outro, isso também é exposto quando as entrevistas colocam o sentido de “ser útil” como razão à prática.

Apesar de não criar uma categorização em tabela, a autora faz uma separação entre as razões “mais altruístas” e “menos altruístas” para “ser voluntária” e utiliza trechos das falas das entrevistadas para exemplificar.

1. Ser útil – “Darmos um bocadinho de nós, procurar ser um bocadinho útil aos outros, darmos o nosso tempo...não é, não é...quer dizer passar um bocadinho de tempo, darmos um bocadinho de nós aos outros para que o doente, neste caso, no nosso caso, não é, o doente não se sinta tão só”.
2. “Dar e Receber” – “É o poder ajudar os outros, poder dar alguma coisa aos outros, sensibilizar-me com os outros, portanto, quando os outros estão mal nós sentimos e estamos a..., a..., a dar alguma coisa, que achamos que nos faz feliz também a nós, não é?”.
3. Voluntariado como “dom natural” (exercido durante toda a vida) – “Para mim filha? Eu já sinto isso (o voluntariado), assim, tão naturalmente...porque toda a vida tive no voluntariado, sabe?! Portanto, o ser voluntária, para mim, já faz parte da minha vida!” (GOMES, 2009, p.72)

Já as razões “menos altruístas” são conferidas em:

1. Voluntariado como auto-terapêutico – “Apanhei uma depressão muito grande. Passei um mau bocado quando me reformei.” A entrevistada 3 explica na sua entrevista que face ao seu estado de saúde, foi aconselhada pelo seu médico a iniciar a actividade de voluntária, porque iria contribuir para o seu bem-estar em termos emocionais e psicológicos. A saúde é um dos benefícios “colaterais” do exercício do voluntariado ao nível físico e psicológico: “Esta função terapêutica é mencionada igualmente por voluntários jovens e mais idosos, mulheres e homens, reformados, activos e estudantes.” (Delicado, 2002) Ou como refere a entrevistada 9, quando fala da situação pessoal do seu pai (encontra-se acamado e sobre da doença de Alzheimer), aborda o exercício do voluntariado como um “escape”: “Isto faz-me bem, porque levo daqui coisas que os doentes, às vezes contam, e que em casa não têm ninguém.” (Entrevista 9; pp. 4) 2. Fonte de realização pessoal – “O eu querer ter sido assistente social, já acho que, que, diz tudo! Frustrada...não me sinto frustrada porque (...) Sinto que estou um bocado realizada, não na parte, porque o título não me faz falta, na parte pessoal, aquele desejo de me levar a ser assistente social, acho que está concretizado, porque eu exerço isso!” “...porque nós nos sentimos valorizadas e realizadas quando saímos daqui, porque alguma coisa útil a gente fez!”
3. Voluntariado como experiência de vida – “Ah, eu acho que, é um bocadito de nós darmos de nós próprios e, sei lá, e pensar que, pormo-nos na cama, no lugar de quem lá está na cama, um dia podemos também lá estar nós e precisarmos...”. (GOMES, 2009, p.73,74)

Assim, a autora concluiu a partir dos significados encontrados relacionadas às questões: “ser voluntária” e as motivações para “querer ser voluntária” que existem aspectos altruístas e egoístas. Isso é explicado em:

“o comportamento altruísta convive de perto com a personalidade de cada indivíduo, que também manifesta aspectos egoístas. [...] Para concluir, afirmamos que perante as representações sociais das voluntárias, o exercício do voluntariado alimenta-se do “bem-estar”, na relação com o outro e na relação consigo própria, acolhendo nos significados atribuídos ao seu exercício comportamentos altruístas e também aspectos egoístas”.(GOMES, 2009, p75)

A pesquisa realizada por Nogueira-Martins, Bersusa, Siqueira (2009) teve como cerne a compreensão da humanização em hospitais a partir do trabalho voluntário, sob o viés das ciências médicas e da saúde, não obstante, dentre as categorias analisadas, também foram apresentados aspectos sobre a motivação para a realização dessa atividade. Assim, seu

desenvolvimento metodológico se deu a partir de uma abordagem qualitativa, foram entrevistados 26 coordenadores e 26 voluntários pertencentes a uma rede de 25 hospitais na região metropolitana de São Paulo, dentre os anos de 2008 e 2009. As entrevistas foram semiestruturadas, abordando temáticas as quais buscavam, sobretudo, compreender como acontecia o processo de humanização dos pacientes no contexto hospitalar. As análises seguiram o método análise temática.

As autoras não agruparam as motivações dentro de categorias, mas levantaram uma perspectiva importante ao afirmar que: “A motivação para a atividade voluntária pode apresentar várias nuances.” (NOGUEIRA-MARTINS; BERSUSA; SIQUEIRA, 2009. p.5). Isto porque foi possível encontrar diversos fatores dentre os quais: uma experiência prévia com a doença (seja em si ou em amigos/familiares); dar sentido à própria vida; desenvolver capacidades; sentir-se útil e, por último, aumentar o círculo social.

Diferentemente da maioria das pesquisas encontradas até aqui, que obviamente tiveram o mesmo objeto: “a investigação das motivações dos voluntários em um contexto hospitalar”. O trabalho realizado por Nogueira-Martins, Bersusa, Siqueira (2009), levou em consideração não só os voluntários e as suas falas. Mas, acrescentou à análise a perspectiva dos funcionários da Instituição, os quais eram responsáveis pela cooptação de indivíduos que se candidatavam a esta atividade.

Em seus resultados, as autoras encontraram achados interessantes a partir das entrevistas com os coordenadores sobre as motivações desses candidatos. Dentre esses achados, foram destacadas duas motivações que foram encontradas frequentemente e que eram razões que poderiam culminar no veto da admissão das pessoas que apresentassem esses dois tipos de motivações.

A primeira estava relacionada à “resolução de conflito”, quer dizer, alguns indivíduos candidatavam-se para a atividade, a fim de solucionar problemas e conflitos pessoais. A segunda motivação considerada “problemática”, está relacionada com a religião, haja vista que muitos se tornam voluntários, a fim de “ganhar” pessoas para o evangelho. Isso fica claro em uma das falas de um dos coordenadores entrevistados: “Você não pode induzir o paciente a sua religião. Porque, às vezes, muitas voluntárias procuram vir trabalhar aqui para poder evangelizar (...) para aquela religião que ela acha que é a certa.” (NOGUEIRA-MARTINS; BERSUSA; SIQUEIRA, 2009, p.4)

Assim, as autoras compreenderam as motivações com diversas nuances, as quais foram interpretadas a partir da categoria de sistematização de análise em polos, assim como Selli, Garrafa e Jungues (2008).

Quanto à percepção dos beneficiários do trabalho voluntário, observa-se a interação dos três pólos citados por Selli et al: 18 individual (em que o beneficiário é o voluntário: aprendizado, superação de si mesmo, redimensionamento do cotidiano e encontro com a própria humanidade); dual (no qual voluntário e paciente são simultaneamente beneficiários, isto é, são sujeitos e destinatários do benefício, em uma relação de horizontalidade); coletivo (em que está presente a dimensão social – fazer-se útil às necessidades dos outros). No que tange aos sujeitos do estudo, o pólo coletivo apresenta-se de maneira tênue. A grande disponibilidade emocional encontrada nos entrevistados nem sempre está associada à solidariedade crítica,<sup>17,19</sup> que ainda se mostra incipiente como vetor motivacional para a ação voluntária, havendo, portanto, o predomínio da dimensão assistencialista.<sup>8</sup> Porém, há indícios do direcionamento a um modelo de voluntariado comprometido com as demandas específicas atuais.<sup>17</sup> “*Eu não tinha problema nenhum; eu vim bem consciente [de meu papel social]*”. (NOGUEIRA-MARTINS, BERSUSA, SIQUEIRA, 2009. p.5)

Gasparotto, Costa, Vissoci (2011), realizaram um estudo de campo, na área da psicologia, tendo como objeto o projeto “Terapia da Alegria”, um trabalho voluntário realizado nos hospitais, que tem como proposta levar alegria, entretenimento e bem-estar aos pacientes internados. Neste sentido, um dos objetivos dessa pesquisa foi compreender o trabalho do grupo de voluntários, os quais se caracterizavam como palhaços, a fim de identificar as motivações para a realização deste tipo de atividade. A metodologia escolhida para o desenvolvimento do estudo foi a qualitativa, sendo de caráter exploratório com quatro participantes do grupo total de voluntários. Tendo em vista o tipo de metodologia escolhida, as entrevistas foram pensadas de modo semiestruturada, sendo gravadas e transcritas. Para investigação dos resultados obtidos, a partir das falas dos entrevistados, utilizou-se a análise de conteúdo. Dentre as sete categorias de análise, há a categoria denominada “motivação para a realização do trabalho”.

No que diz respeito a essa categoria, os autores encontraram dois tipos de fatores que influenciaram a decisão de tornar-se voluntário, são elas: motivação emocional e espiritual. A primeira, diz respeito à afinidade com a arte e o teatro, como formas de expressão de sentimentos e emoções. Assim, esse tipo de motivação influenciaria diretamente a curiosidade sobre o ambiente hospitalar e a decisão de engajamento com o intuito de levar a arte/teatro como forma de alegrar os doentes. Já o segundo tipo de motivação refere-se diretamente à religião, posto que todos os entrevistados pertencentes ao grupo amostral eram de religião evangélica. Nesse sentido, o voluntariado e o projeto serviriam de instrumento para “levar a palavra de Deus”.

Assim, os autores afirmaram que, de modo geral, todas as respostas obtidas nas entrevistas, indicaram que o ato solidário (ajudar o paciente) é uma motivação predominante entre os voluntários. Além disso, foi encontrado também um fator recíproco, haja vista que para alguns palhaços o ajudar “o outro” transforma-se em uma ajuda para si.

Nascimento (2016) desenvolveu uma pesquisa em uma Organização denominada como: “Rede Feminina de Combate ao Câncer” localizada no Hospital Napoleão Laureano, PB. A fim de compreender as motivações dos voluntários para esta prática foi utilizada o modelo de Cavalcante (2012) que, como visto anteriormente, utiliza cinco categorias de fatores emocionais como sistema para interpretar e classificar as motivações dos voluntários. A pesquisa, do campo da gestão e da administração, foi realizada a partir de uma metodologia quantitativa com o auxílio do *Microsoft Office Excel 2003* na tabulação dos valores, foi desenvolvida da seguinte forma: o grupo amostral escolhido foi de 23 voluntários do setor ambulatorial e 7 da pediatria, totalizando 30 indivíduos entrevistados. O autor aplicou 30 questionários com o objetivo de traçar o perfil dos que foram entrevistados e investigar os motivos de decisão para a realização do voluntariado, as motivações foram categorizadas conforme o modelo citado anteriormente, os fatores são: Altruísmo, Justiça Social, Social, Intelecto e Egoísmo. É válido destacar que a pesquisa foi quantitativa.

Diante dos resultados obtidos a categoria que se mostrou em posição de destaque foi a “Intelecto”, as atribuições relacionadas a esse fator são conferidas em: busca por conhecimento, aprender com as pessoas e as experiências e ter a oportunidade de aprender algo novo. Dessa forma, foi possível apreender que este é o fator motriz para a realização do voluntariado. O autor pontua que o segundo fator de maior predominância foi o Altruísmo, assim, esse fator tem grande influência na decisão de se tornar voluntário. Em terceiro lugar ficou o “Social”, este se mostrou imprescindível às motivações dos voluntários. Pois, o fator Social confere ao trabalho a sensação de pertencimento. “Realizar suas atividades por meio da interação social, sentir-se parte de um grupo e fazer novos amigos é fator importante para a realização do trabalho voluntário.” (CAVALCANTE, 2012, p.35).

O fator “Egoísmo” ocupou o quarto lugar entre as categorias motivacionais para a realização desta atividade, sendo assim, ele teve uma baixa incidência. No entanto, Nascimento (2016) destaca que existe uma alta volatilidade nas respostas e isso indica que é importante levar em consideração a influência dessa categoria nas motivações dos entrevistados. Por fim, em último lugar está “Justiça Social”, foi o fator com menor media em relação aos outros fatores de motivações.

Este fator, porém, teve o maior desvio padrão em relação a média encontrado, o que leva ao entendimento que nem todos os voluntários têm o mesmo sentimento com relação a este fator. Este resultado pode ser influenciado pela natureza do trabalho voluntário, mesmo que para Batson (2002), este fator esteja ligado a aumentar o bem-estar do grupo, Cavalcante (2012) afirma que a sua relação com a comunidade é de suma importância para a inserção no trabalho voluntário. Este resultado é reforçado pela questão 6 em que os respondentes ratificaram a importância de ajuda a comunidade por meio do trabalho voluntário, indo assim ao encontro dos estudos de Cavalcante (2012) e Batson (2002). (NASCIMENTO, 2016, p. 36)

Siqueira (2016) analisou, a partir das ciências da saúde/enfermagem, as motivações para o voluntariado em um hospital especializado em HIV/Aids. Foi adotado à pesquisa um Método Misto, isto é, qualitativo e quantitativo, onde foi realizado um estudo de caso. Assim, para a coleta de dados foram utilizados: a entrevista semiestruturada - para as quais foram feitas análises de conteúdo das falas dos entrevistados - e os instrumentos de Inventário de Funções do Voluntariado, Critério de Classificação Econômica Brasil e Questionário de Perfis de Valores Refinada – esses úteis instrumentos foram analisados estatisticamente.

A autora pesquisou as duas diferentes motivações, a primeira se resume na pergunta “O que levou a ser voluntário no hospital em São Paulo” e a outra ainda mais específica: “teve motivação específica para trabalhar em hospital especializado em HIV/Aids?.” Quanto aos resultados da pesquisa, a tabela abaixo diz respeito à primeira pergunta:

**Tabela 1** - O que levou a ser voluntário no hospital H. São Paulo, 2015.

<b>Motivo</b>	<b>Número</b>	<b>Proporção</b>
Chamada na mídia	19	11,8%
Chamado de um amigo ou familiar	17	10,5%
Vivência pessoal de voluntariado	16	10,0%
Trabalho voluntário anterior	16	10,0%
Doença ou morte familiar de HIV, DT, câncer	15	9,4%
Retorno social	15	9,4%
Vontade de ajudar os outros	13	8,1%
Outros (*)	10	6,3%
Doença pessoal	8	5,5%
Aposentadoria	6	3,7%
Envolvimento anterior com massoterapia	5	3,1%
Trabalho formal na saúde	5	3,1%
Vontade de fazer caridade	5	3,1%
Proximidade física do hospital	4	2,4%
Faculdade	3	1,8%
Preencher tempo livre	3	1,8%
Total	160	100%

Fonte: Siqueira, 2016 p.68

Outros \*: “Tava querendo mais contato físico”; “Trabalho segregado em setores”; “No tempo em que eu passei fome eu até suportava - mas a indiferença dos outros não”; “Por não estar trabalhando, necessidade de estar em grupos”; “Receio de trabalhar em hospital”; “Ajudar os meus iguais - gays”; “Coincidências da vida”;

“Lidar com os outros não direcionado”; “Queria uma atividade mais humana, parte da natureza humana”. (Siqueira, 2016. p.68)

Ao tratar as motivações apresentadas na tabela acima, percebem-se diferentes razões para “se tornar voluntário” no hospital. Além disso, algumas motivações englobam diversos elementos mais. Por exemplo, “A chamada na mídia” incluiu os elementos: anúncio, reportagens, entrevistas, facebook e internet. Já em “doença ou perda familiar” apreendeu situações como:

“Perdeu uma filha com meningite no Hospital H”; “Promessa quando filho estava na UTI”; “Pai ficou internado no HH”; “Problemas pessoais com o filho”; “Mãe HIV+”; “Perda da mãe em hospital, sendo que não conseguia entrar na UTI e decidiu ser voluntário para vencer este medo”; “Depois que perdeu a esposa sentiu um vazio”; “A mãe fazia tratamento do Hospital do Coração”; “Perdeu três pessoas, uma a cada ano”. (Siqueira, 2016. p.68)

No motivo relacionado à “doença pessoal” incluiu falas como:

“Quando estive internada achei bonito o trabalho voluntário”; “Tive câncer e não tive visitas... vi a importância quando estive doente”; “Tive câncer de intestino e retirei todo o intestino grosso”; “Realização pessoal, pois tive câncer de mama e leucemia”; “Depois de um acidente de carro eu vim ajudar”; “Circunstâncias do HIV+, pois sou soropositivo”; “Meu estado de saúde, HIV+ em 2004”. (Siqueira, 2016. p.68)

Por fim, o que diz respeito à “vivência pessoal de voluntariado” foi encontrado: “alguns afirmam que foram voluntários a vida toda, devido à vivência com pais ou familiares que faziam trabalho voluntário. Houve três participantes que se serviram do trabalho voluntário no HH como horas complementares de estágio, na formação profissional (1,8%)”. (SIQUEIRA, 2016. p.69). A próxima tabela responde à segunda pergunta que a autora se propôs investigar. Temos:

**Tabela 2** - Teve motivação específica para trabalhar em hospital especializado em HIV/Aids? São Paulo, 2015.

<b>Escolha</b>	<b>Número</b>	<b>Proporção</b>
Não tem motivo específico	41	25,6%
Chamado da mídia	38	23,8%
Amigos ou familiares portadores HIV+	15	9,4%
Mobilidade - proximidade de casa, trabalho ou metrô	9	5,6%
Amigos voluntários aqui ou indicaram o voluntariado	9	5,6%
Tentei em outras instituições e não deu certo (não chamam)	8	5,0%
Queria trabalhar em um hospital	6	3,8%

Interesse na área de infectologia	6	3,8%
Portador HIV+	5	3,1%
Interesse na área de Massoterapia	5	3,1%
Outros*	18	11,2%
Total	160	100%

Fonte: (SIQUEIRA, 2016. p.69)

Outros\* = Preconceito do portador de HIV, Ajudar pessoas, Vontade de ser voluntário, Homossexualidade, Religiosidade, Trabalhava na instituição, Organização do VHH, Professora da faculdade fez proposta pedagógica de trabalho VHH.

A partir das duas tabelas apresentadas, “o que levou a ser voluntário no hospital H?” e “teve motivação específica para trabalhar em hospital especializado em HIV/Aids?”, no caso das razões, a prática em ambas, constata-se que os principais motivos foram: na primeira tabela, a “chamada pela mídia” e “chamado de um amigo”. Na segunda, “chamada pela mídia” e “amigos ou familiares portadores HIV+”.

Na análise de resultados, a autora afirma que os relacionamentos sociais dos indivíduos voluntários demonstraram grande importância para a motivação. Frente à convergência das análises feitas a partir dos dados quantitativos e qualitativos, os resultados indicaram “indícios” do altruísmo, sendo caracterizado pelos fatores: benevolência, cuidado, universalismo, compromisso, entendimento e engradecimento social. A autora não classificou todas as motivações como altruístas, no entanto, ela sugere “indícios” da existência desse fator.

No estudo desenvolvido, no campo das ciências sociais, por Dias (2017), foram investigadas as motivações de voluntários em um Projeto Curativo. O trabalho consistiu em um estudo de caso realizado a partir de entrevistas semiestruturadas e questionários, os quais foram aplicados ao grupo amostral - o qual contou com o total dos voluntários do PC, assim foram entrevistadas 19 pessoas. Houve entrevistas individuais com o intuito de delimitar o perfil dos que participaram do depoimento, e, em seguida, ocorreu a uma entrevista separada em grupos focais. Neste último formato, foram levantados questionamentos tais como: “o que é ser voluntário?”; “por que ser voluntário?” ou, ainda, “quais as motivações do voluntariado?”.

Como resultado da análise das entrevistas, foi possível encontrar também outros tipos de motivações. A autora os sintetizou em três tipos: “altruísmo, pertença, aprendizagem e desenvolvimento”. (DIAS, 2017). O altruísmo foi encontrado nas respostas dos participantes quando perguntados sobre o significado de ser voluntário e a razão para sê-lo, responderam através de discursos: “ser voluntário é ajudar o outro”, “a necessidade de agir e ser ação para

o próximo”, “prestar humanidade, compaixão e bondade para o próximo”; “é abrir mão de você para se doar para outra pessoa”; “é doar tempo para mudar a realidade de algumas pessoas, sem esperar nada em troca”. (DIAS, 2017. p.34)

O fator motivacional relacionada à Pertença foi explicitado a partir dos seguintes argumentos: “troca com o outro, experiências, dificuldades, limitações e possibilidades”, entendendo os motivos para voluntariado como “[...] parte de algo” que é da “natureza humana”, “não [...] obrigatório, parte de dentro do próprio ser”. (DIAS, 2017. p.37)

E por último, o fator considerado mais importante - ao se falar das motivações dos voluntários para a realização este tipo de trabalho – é o “Aprendizado e desenvolvimento”. Isso porque os palhaços que desenvolvem atividades artísticas utilizam a “ferramenta” artística para mudar a realidade de algumas crianças, é através da arte promovida pelos voluntários do PC que as crianças aprendem e se desenvolvem. (DIAS, 2017)

Pereira (2020) pensou o voluntariado não como uma prática simples, mas como uma forma de expressão identitária e valorativa dos indivíduos que se propõe a realizá-lo. Assim, dentre seus objetivos de pesquisa, no contexto do Hospital Braga em Portugal, as motivações dos voluntários foi analisada em forma de associação com os outros objetos de análise, dentre os quais estão: o perfil dos indivíduos. De abordagem qualitativa, do campo da administração e gestão, a metodologia utilizada contou como os seguintes instrumentos de coleta de dados: observação participante, questionários e entrevistas. A amostra contou com 37 participantes, assim, foi adotado o estudo de caso para a análise dos dados coletados.

Em seus resultados, foram percebidas diferenças nas motivações dos voluntários a depender do estado civil; se o indivíduo teve experiências anteriores com a prática voluntário e/ou se era sua primeira vez atuando neste tipo de trabalho.

Apesar da pesquisa ser descrita como qualitativa pela autora, para a avaliação dos questionários foi utilizado o método VFI (Volunteer Function Inventory), o qual avalia de forma quantitativa as motivações para o voluntariado. Neste estudo, o VFI demonstrou que os fatores mais importantes encontrados, em ordem decrescente, foram: Valores, Compreensão, Reforço, Social, Proteção e Carreira.

Em análises gerais, foi percebido que dentro do fator Valores foi encontrada com maior frequência a variável “Sinto que é importante ajudar os outros”. Já no que diz respeito à Compreensão, a resposta mais escolhida foi: “O voluntariado permite-me aprender coisas através de experiência directa”. No fator Reforço a variável mais importante se deu em: “O

voluntariado faz-me sentir melhor comigo mesmo”; no fator Social a resposta mais escolhida foi “O voluntariado permite-me conhecer outras pessoas”. Nos fatores Proteção e Carreira as variáveis que apareceram com maior frequência foram, respectivamente, “Por muito mal que me sinta, o voluntariado ajuda-me a esquecer” e “O voluntariado é uma forma de fazer novos amigos”. (PEREIRA, 2020, p.90)

Ao relacionar a análise feita a partir do modelo de VFI e o perfil dos voluntários, percebeu-se que “o perfil sociodemográfico do voluntário relaciona-se com as suas motivações.” (PEREIRA, 2020, p. 91). Tendo em vista essa afirmativa, verificou-se que indivíduos solteiros tenderiam estar mais motivados para o desenvolvimento e aprendizagem no âmbito profissional, a partir do voluntariado, se comparado aos casados. Assim, existe uma relação inegável entre o fator motivacional Carreira e o estado civil.

Além disso, ainda se dá uma característica utilitária ao voluntariado, posto que, pode ser utilizado como instrumento de preparação para uma carreira ou de melhoria de competências. Outra relação encontrada é entre idade Compreensão, Carreira e às outras motivações em geral, essa associação demonstra uma função negativa entre os fatores. Isso significa que os indivíduos mais novos tendem a atribuir maior importância à compreensão, carreira e às motivações em geral, enquanto os mais velhos o contrário. (PEREIRA, 2020). Outra associação encontrada diz respeito ao rendimento mensal, se relaciona negativamente com os fatores Compreensão, Proteção, Carreira e às motivações em geral, isso indica que “indivíduos com rendimento mensal médio inferior tendem a atribuir mais importância à compreensão, à proteção, à carreira e às motivações em geral.” (PEREIRA, 2020, p.92).

A pesquisa desenvolvida por Souza, Alves, Januário, Oliveira, Ribeiro, Silva (2020), sob a perspectiva das ciências médicas e da saúde, teve como objeto de estudo os voluntários do “Expresso da Alegria”. O seu percurso metodológico se deu da seguinte maneira: foi adotada uma abordagem qualitativa, descritiva-exploratória utilizando entrevistas, assim, foram entrevistados nove pessoas, por fim, para elaborar a análise dos dados obtidos nas entrevistas foi utilizado o método de análise de conteúdo.

Nesse estudo, os autores não adotaram ou criaram categorias para classificar as motivações encontradas nos discursos dos entrevistados, trechos das entrevistas foram expostos com uma tentativa, ao que se parece, de exemplificar as motivações:

*“Há algum tempo procurava por um trabalho voluntário mais consistente e organizado. Conheci o Expresso Alegria e me apaixonei, mas não dava certo fazer o curso por motivos de trabalho/viagens”. V1 “Meu pai teve câncer e veio a falecer e nesse período eu conheci o Expresso Alegria e quis fazer parte”.V2 “O motivo que*

*me levou a participar é a felicidade em conseguir levar um pouco de bem-estar pra quem está passando por momentos difíceis”. V9 (SOUZA; ALVES; JANUÁRIO; OLIVEIRA; RIBEIRO; SILVA, 2020, p.36)*

No estudo realizado por Beechara, Bernardino (2021) tem-se novamente, é claro, a motivação para o trabalho voluntário como objeto de estudo. A pesquisa foi realizada no Hospital Dr.Hélio Angotti na cidade de Uberaba, com voluntários da Associação Vencer, a metodologia adotada foi quantitativa. Dessa forma, foram aplicados questionários estruturados, buscou-se verificar as motivações dos voluntários, a partir do campo da administração e gestão, por meio do modelo proposto por Amorim (2015), adotando os seguintes fatores: Altruísmo; Pertença; Ego e Reconhecimento Social e Aprendizagem e Desenvolvimento, cada fator contou com 9 variáveis.

Após a aplicação do questionário, contendo as variáveis como possíveis respostas, e as devidas análises realizadas, os autores constataram que a dimensão altruísta é prevalente nas motivações dos voluntários da associação Vencer, foi verificado que as pessoas buscaram o trabalho voluntário para “ajudar o próximo”. Dessa forma, as definições dadas pelos autores às motivações dos voluntários são: assistenciais e humanitárias, sendo caracterizadas como “altruístas ou ideológicas”.

Quanto às outras categorias existentes no modelo de questionário aplicado, pontuou-se que não há uma importância dos fatores “egoístas” e de “aprendizagem e desenvolvimento pessoal” e “pertença”, isto é, motivações relacionadas aos interesses individuais, ao desejo de obter conhecimento e aumentar a rede social/relacionamentos. (BECHARA; BERNARDINO, 2021). “Por fim, pode-se concluir que as razões altruístas que envolvem a compaixão e o amor ao próximo são as que impulsionam os voluntários da associação VENCER a dedicar horas das suas vidas a trabalhar em prol “daqueles que mais precisam”.” (BECHARA; BERNARDINO, 2021, p.123).

#### 4.2 COMENTÁRIOS

Tendo em vista os objetivos alcançados a partir dos resultados da revisão bibliográfica apontados no capítulo anterior, é possível perceber que, a maioria dos autores acabam não destacando isoladamente cada motivação encontrada, mas sim as categorias criadas para apreender essas motivações. Isso pode ser explicado em função da grande quantidade de respostas obtidas nas pesquisas, aparentemente categorizá-las em fatores é uma maneira de instrumentalização das respostas para uma análise mais geral.

Dentre os 12 trabalhos encontrados, 10 destes utilizaram algum tipo de categorização por fatores, o que demonstra uma tendência à sistematização.

Dessa forma, dos 10 trabalhos que adotaram um modelo classificatório, destaco primeiramente os 6 que utilizaram modelos classificatórios para as motivações, sejam criados pelos próprios autores, o modelo VFI ou em algum outro tipo de modelo baseado neste.

Souza, Bacalhau, Moura, Volpi, Marques, Rodrigues (2003) utilizaram o modelo de classificação VFI, separando as motivações entre 6 categorias: Valores, Experiência, Social, Carreira, Proteção e Autoestima. É válido destacar que nessa pesquisa foram traçados os perfis dos voluntários, no entanto, percebe-se que não existe uma análise aprofundada ligando os aspectos do perfil com as motivações para o voluntariado.

Nascimento (2016) também utilizou um modelo classificatório baseado no VFI, categorizando as motivações em: Altruísmo, Justiça social, Social, Intelecto e Egoísmo. Em sua análise, esses fatores foram dispostos em ordem decrescente considerando os que seriam “mais importantes” para as motivações. Sua pesquisa também contou com a investigação do perfil dos voluntários. Porém, as análises realizadas foram de caráter quantitativo, expondo os dados em porcentagem, assim, não houve uma análise aprofundada sobre questões subjetivas. Por exemplo, o pesquisador constatou que todas as pessoas que trabalham no voluntariado no setor de pediatria são mulheres, mesmo assim, não houve reflexões sobre as razões circunscritas a esse fenômeno. Ou ainda, o porquê da taxa de voluntários pós-graduados é maior do que os que têm ensino superior incompleto.

Siqueira (2016) também utilizou o modelo VFI para categorizar as motivações encontradas. A autora também levantou dados a respeito do perfil dos voluntários, assim como a maioria dos autores apontados até aqui, foi feita uma abordagem descritiva a respeito das características dos voluntários, foi pontuado, por exemplo, que a maioria do voluntariado é feminina, branca, solteira e praticante de religião. Mas, não houve nenhuma reflexão aprofundada a respeito dos resultados.

Dias (2017) classificou as motivações em três tipos: Altruísmo, pertença, aprendizagem e desenvolvimento. Sua análise também apresentou o perfil dos voluntários, apenas a título de informação, haja vista que também não houve pretensão de discutir, nem de vincular os dados levantados com as motivações dos entrevistados.

Dentre todos os autores que utilizaram algum modelo baseado no VFI e fizeram o levantamento do perfil demográfico dos voluntários, Pereira (2020) foi a única que fez uma análise relacionando o perfil demográfico com os fatores motivacionais. Além disso, os fatores foram dispostos em ordem decrescente destacando os fatores mais importantes para as motivações, obteve-se: Valores, Compreensão, Reforço, Social, Proteção e Carreira.

Por último, Beechara, Bernardino (2021) utilizaram o sistema categórico de 4 fatores de Amorim (2015): Altruísta, pertença, Ego – Reconhecimento Social, aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Também investigaram os dados dos voluntários, mas apresentaram apenas expositivamente em forma de números percentuais.

As outras 4 pesquisas, que utilizaram classificações em fatores que não se baseiam no modelo VFI, temos: a pesquisa desenvolvida por Marta Cristina Ortiz (2007) que foi realizada a partir da análise de discurso e classificou as motivações em: um desejo ou querer, dom ou fator genético, plano espiritual, reconhecimento de si, autoconhecimento e aprendizagem, ela destacou que “o voluntariado também é percebido como um “processo de transformação pessoal”. E muitos indivíduos buscam realizar essa atividade para “se exercer, se conhecer, se reconhecer e aprender”. (ORTIZ, 2007). Apesar de categorizar, de uma forma ou de outra, as motivações encontradas nas entrevistas, diferentemente dos autores até aqui apresentados, ela fez uma análise mais aprofundada do discurso e questões que perpassam a vida dos indivíduos. Analisando por exemplo a ideia do “sujeito”, do “cuidado de si”, do “eu/outro”, a “gratificação”, a questão do “amor ao próximo”, etc.

Selli, Garrafa, Jungues (2008) classificaram as motivações em pólos: individual, dual e coletivo, apresentaram dados sobre o perfil dos voluntários, mas não houve nenhum tipo de discussão sobre esses aspectos.

Gomes (2009) utilizou o estudo de caso e classificou as motivações em: “autoterapêutica”, para “enriquecimento pessoal/aprendizagem” e obtenção de “experiência de vida”. Ela destaca ainda motivações como: ser útil, dar e receber e, por fim, a ideia de “dom natural” para a prática voluntária. A autora não expôs as informações sobre o perfil dos voluntários entrevistados, isso demonstra de certa forma que certamente essas informações não tinham relevância para sua pesquisa.

Gasparotto, Costa, Vissoci (2011), classificaram as motivações de acordo com apenas dois tipos de fatores: emocional e espiritual e também não apresentaram os dados dos indivíduos entrevistados.

Já no que diz respeito aos trabalhos que não utilizaram nenhum tipo de modelo classificatório para as motivações, esses foram a minoria. Dentro das 12 bibliografias aqui apresentadas apenas 2 não utilizaram algum tipo de modelo para classificar as motivações encontradas nas entrevistas com os voluntários. Bersusa, Nogueira-Martins, Siqueira (2009) não utilizaram nenhum modelo para sistematizar ou classificar as motivações em categorias. Ademais realizaram questionários sociodemográficos com os voluntários, os dados foram apresentados, mas não houve reflexões a respeito dos dados encontrados.

Por fim, Souza, Alves, Januário, Oliveira, Ribeiro, Silva (2020), também fizeram um estudo sociodemográfico com seus entrevistados, expuseram os dados, mas não houve discussões a respeito desses dados. Nessa pesquisa, os autores não adotaram ou criaram categorias para classificar as motivações encontradas nos discursos dos entrevistados, trechos das entrevistas foram expostos com uma tentativa, ao que se parece, de exemplificar as motivações.

Tendo a teoria de dois fatores de Smith como perspectiva, algumas bibliografias tiveram como cerne a definição das categorias das motivações dos voluntários em: “menos ou mais altruístas”. Assim, percebe-se que mesmo que destacadas outras classificações para as motivações como: carreira, aprendizagem, religião, proteção, compreensão, social, etc. Ainda assim, a temática altruísmo/egoísmo foi central para metade das pesquisas aqui apresentadas. Os autores que basearam a categorização das motivações, sobretudo, nesses dois fatores, foram: Souza, Bacalhau, Moura, Volpi, Marques, Rodrigues (2003); Gomes (2009); Nascimento (2016); Siqueira (2016); Dias (2017); Beechara, Bernardino (2021). Quanto à outra metade, os que não citaram diretamente os fatores altruísmo e egoísmo em suas análises - apesar de algumas motivações, foram: Ortiz (2007); Selli, Garrafa, Jungues (2008); Bersusa, Nogueira-Martins, Siqueira (2009); Gasparotto, Costa, Vissoci (2011); Pereira (2020); Souza, Alves, Januário, Oliveira, Ribeiro, Silva (2020).

No tocante à teoria uni e multidimensional das motivações (CAVALCANTE, 2012), nenhum dos autores apresentados adotou a perspectiva unidimensional. Ou seja, em nenhuma das bibliografias foi encontrada apenas uma dimensão/fator para motivação ao trabalho voluntário. Mesmo que, muitos deles afirmassem que as motivações ao voluntariado em hospitais tenderiam a ser “mais altruístas” ou que os fatores mais importantes à motivação seria “altruísta”. Ainda sim, todos admitiram a existência de mais de uma dimensão à motivação para o trabalho voluntário, mesmo considerando “insignificante” ou “menos

importante” outras dimensões. Ou ainda, considerando maior importância as motivações altruístas, mas, ainda sim, admitiram a existência de razões egoístas.

Dessa forma podemos concluir a partir de todos os dados, que as motivações são multifacetadas.

Assim, como dito anteriormente, percebe-se que a maioria dos trabalhos foram estruturados a partir da categorização das motivações e não no estudo minucioso deste objeto. Melhor dizendo, não houve uma tentativa de estabelecer interpretações baseadas no contexto cultural, social ou até mesmo no que diz respeito às condições individuais de cada voluntário, como: cor, classe social, gênero, escolaridade etc. Percebe-se ainda que normalmente as análises sobre as motivações dos voluntários foram realizadas a partir da comparação entre uma categoria e outra. Isto é, demonstrando maior frequência de um fator em sobreposição a outros, isso demonstra uma tentativa de classificar um fator “mais importante”, o qual motivaria um indivíduo a esta prática.

Ainda sobre a questão da classificação das motivações em categorias/fatores, na verdade, isso se mostra como uma tentativa de encaixá-los em noções altruístas e/ou egoístas. Ou seja, as motivações foram classificadas e separadas em categorias e fatores. Em seguida essas categorias e fatores também foram caracterizados em altruístas e egoístas. Toda essa sistematização parece um tipo de afunilamento, onde, na verdade, não existe uma discussão aprofundada sobre as motivações, suas causas ou influências, parece que há apenas uma “organização de dados”.

#### 4.3 QUESTIONAMENTOS

Tendo em vista, a perspectiva das ciências sociais adotada para a realização desta pesquisa de revisão bibliográfica, foi possível perceber a existência de dois elementos que apareceram com frequência, nos resultados dos trabalhos, e podem ser interpretados a partir de um viés socioantropológico. Os questionamentos sobre esses aspectos podem servir de base para futuras pesquisas que tenham como premissa investigar “as motivações dos indivíduos para o trabalho voluntário”, analisando não só as motivações, mas, igualmente as suas causas.

Em primeiro lugar, observa-se que a questão dos interesses é um ponto importante ao se tratar de voluntariado, como já visto, o trabalho voluntário é de interesse para empresas, Organizações Não Governamentais, Organizações Sociais, para o Estado, entre outras

organizações e instituições. No entanto, a partir dos resultados dos estudos apresentados, averiguou-se, de mesmo modo, que existem interesses por trás das motivações dos indivíduos ao se voluntariarem. Isso se traduziu em: benefícios para carreira; obtenção de novas experiências; alcançar a resolução de problemas vividos e a transformação pessoal. Assim, muitas pesquisas constataram que existem interesses pessoais para a prática voluntária.

Dessa forma, assim como as Instituições da sociedade têm interesses na prática voluntária, os indivíduos também têm. Isso reforça o entendimento de que, a realização dessa atividade não é puramente ligada à solidariedade, mas, atende às questões da sociedade, beneficiando, de certa forma, outros setores. E igualmente, beneficiando os voluntários. Assim, os interesses dos indivíduos deveriam ser analisados em seu contexto, isto é, seria apropriado fazer uma investigação de marcadores sociais de cada pessoa pesquisada, haja vista que esses marcadores sociais têm relação com a causa desses interesses, vejamos:

Em muitas pesquisas que foram apresentadas, identificou-se a existência de um marcador social, que apareceu com frequência, o qual possui uma relação óbvia com os interesses pessoais dos indivíduos e suas motivações para exercer o voluntariado. Esse marcador diz respeito à religião, em muitas investigações, constatou-se que muitos voluntários eram cristãos, sobretudo, evangélicos. Além da questão do *ethos* cristão abordado anteriormente, o qual estabelece o trabalho social como um tipo de obtenção de graça divina, observa-se que muitos voluntários evangélicos se voluntariaram para evangelizar os doentes (NOGUEIRA-MARTINS, BERSUSA, SIQUEIRA, 2009) - acreditando que estão levando salvação aos desenganados e a cura aos enfermos.

A partir desse fato é possível propor algumas análises, através de questionamentos, a respeito da relação entre a religião e o voluntariado no setor hospitalar. Assim, surgem questões como: é possível afirmar que grande parte dos voluntários em setores hospitalar são evangélicos? Se essa proposição for afirmativa; por que esses indivíduos escolhem esse setor especificamente e não outros para trabalhar? Quais seriam os aspectos religiosos que fazem voluntários evangélicos tentarem converter os pacientes? Indivíduos de outras religiões fazem o mesmo?

Outro aspecto que pode ser pensado a partir das ciências sociais, diz respeito à questão de gênero relacionado ao esta prática. Haja vista que, muitos autores afirmaram que em seu estudo, a maioria dos voluntários, no setor hospitalar, eram do sexo feminino. É possível imaginar diversas razões para esta afirmativa. Esse aspecto pode ser explicado em virtude da desigualdade de gênero no tocante à divisão dos papéis sociais.

É difícil datar um momento exato quando, na história da humanidade, sobretudo no contexto ocidental, iniciou-se uma divisão quanto às obrigações dos homens e das mulheres em suas comunidades e, especialmente, no núcleo familiar. O fato é que, a sociedade patriarcal há muitos séculos alimenta o ideal de que, é responsabilidade da figura feminina o cuidado da casa, das crianças e também dos doentes. O cuidar nessa perspectiva é totalmente informal e pode-se dizer que, em certa medida, compulsório. Provavelmente, muitas mulheres, que se veem “obrigadas” a exercer, sozinhas, o cuidado; gostariam de ter a possibilidade de escolha entre essa e outras opções. Assim, o cuidado foi e é, constantemente, feminizado (INSTITUTO..., 2021), com uma justificativa naturalizante de que a mulher foi “criada” para cuidar, ou seja, que é de sua natureza esse papel. “[..] o cuidado está profundamente integrado no sistema sexo/gênero e que a divisão social do trabalho – que faz do cuidado uma tarefa das mulheres – não poderia ser abolida sem uma profunda mudança nas construções de gênero.”(HIRATA; DEBERT, 2016, p. 9)

Desse modo, surgem questões, tais como: quais são os aspectos sociais que justificam o alto número de voluntárias, em hospitais, quando se comparado à adesão de indivíduos do sexo masculino? Outro questionamento que surge, é: a alta participação feminina no voluntariado no contexto hospitalar, não é uma consequência da divisão social dos papéis de gênero? “Problemas que até muito recentemente eram tidos como próprios da esfera privada – ocupação das mulheres na família – foram transformados em obrigações do Estado, obrigações essas que ganham novas configurações no mundo contemporâneo.” (HIRATA; DEBERT, 2016, p. 7).

Os aspectos apresentado acima foram expostos pela maioria das bibliografias pesquisadas, no entanto, não ouve nenhum tipo de discussão a respeito, por isso, foi necessário apresentar essas questões com vistas a possibilitar estudos mais aprofundados sobre marcadores sociais e sua relação com as motivações para o trabalho voluntário no contexto hospitalar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar as bibliografias disponíveis relacionadas à temática “as motivações para a atuação de indivíduos no trabalho voluntário”. Para isso foi necessário entender de forma geral a trajetória histórica do voluntariado e os interesses da sociedade para realização desta atividade. Além disso, também foi apresentado como esse tipo de trabalho relaciona-se com as instituições nos dias atuais e a sua importância para questões sociais.

Tendo em vista os objetivos aqui propostos: “apresentar as pesquisas realizadas e suas metodologias”, bem como os resultados obtidos sobre as motivações de indivíduos ao voluntariado em um contexto hospitalar (vide p. 14). Pode-se dizer que todos os objetivos foram alcançados visto que foi possível apresentar cada uma das pesquisas, suas metodologias e os seus resultados.

Assim, foi possível responder ao questionamento levantado anteriormente: quais são os motivos que levam esses indivíduos a tornarem-se voluntário? Tendo em vista a análise de todas as bibliografias aqui apresentadas, pode-se concluir que as motivações para o voluntariado são multidimensionais/multifacetadas (CAVALCANTE, 2012), assim, não existe apenas um fator ou uma única motivação para a realização do voluntariado. Isso significa dizer, que as motivações para essa prática podem ser infinitas, mas uma coisa é certa, existem interesses pessoais intrinsecamente ligados a essas motivações. Além disso, observou-se que não há um consenso entre os autores no que diz respeito às motivações e suas classificações, isso demonstra que não existe um modelo geral que responda à pergunta desta pesquisa. Isso porque, existem fatores sociais que culminam na motivação para esta prática e também questões individuais, ou seja, aspectos da história de vida de cada um, como, fatores culturais e sociais.

Para além dos objetivos gerais que foram alcançados, foi notável que muitos trabalhos também apresentaram dados sobre os perfis dos voluntários, no entanto, observa-se que, a maioria que apresentou essas informações, as apresentaram de forma descritiva. Quer dizer, sem pretensão de análise ou vinculação com o entendimento de como os aspectos sociodemográficos e outros marcadores sociais, podem, certamente, interferir nas motivações dos entrevistados.

Desse modo, espera-se que essa pesquisa seja utilizada como aporte para pesquisadores, sobretudo, das ciências sociais, a fim de nortear no que diz respeito às carências que os estudos sobre a temática possuem. É notório que ainda são necessárias pesquisas que aprofundem as análises sobre as motivações, não as apresentando apenas como

dados percentuais ou as categorizando. Outrossim, entendendo como questões sociais, culturais e individuais se relacionam com as motivações para a prática voluntária.

Assim, considerando a infinidade do conhecimento, recomenda-se um maior aprofundamento, com vistas a analisar esta temática de forma a entender as questões circunscritas às motivações, como destacado no parágrafo anterior, para além da pesquisa focada apenas na sistematização de dados, mas atentando para as subjetividades e os fatores sociais/culturais presentes ao tratar desse objeto de estudo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ismael Gonçalves. Da caridade ao welfare state: um breve ensaio sobre os aspectos históricos dos sistemas de proteção social ocidentais. *Cienc. Cult.* [online]. 2015, vol.67, n.1 [cited 2022-08-15], pp.52-55. Available from: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252015000100017&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000100017&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 2317-6660. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000100017>.
- Amorim, L. R. (2015). A motivação para o trabalho dos voluntários da Cruz Vermelha Portuguesa. Dissertação de Mestrado em Gestão das Organizações, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal.
- Anderson, M. J.; Shaw, R. N. (1999). A comparative evaluation of qualitative data analytic techniques in identifying volunteer motivation in Tourism. *Tourism Management*, 20(1).
- Anheier, K. H.; Salamon, L. M. (1999). Volunteering in cross-national perspective: initial comparisons, law and contemporary problems. *Law and Contemporary problems*, 62(4).
- BATSON, C. D. The altruism question: Toward a social-psychological answer. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 1991.
- Bechara, F., & Bernardino, S. (2021). A motivação para o trabalho dos voluntários: O caso da Associação Vencer. *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, 7 (13), 93 - 128. Disponível em <http://u3isjournal.isvoug.pt/index.php/PJFMA>.
- BENEDETTI, Pedro Tomas do Canto. **ELABORAÇÃO CONCEITUAL E DESENVOLVIMENTO DO VOLUNTARIADO COMO UMA PRÁTICA DA HUMANIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA**. Orientador: Marco Antonio Carvalho Teixeira. 2017. 25 p. Trabalho de Conclusão (mestrado em Gestão e Políticas Públicas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo – EAESP, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/19012>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- BERGAMINI, Cecília Whitaker. *Motivação nas organizações*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- Bussel, H.; Forbes, D. (2001). Understanding the volunteer market: the what, where, who and why of volunteering. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 7(3).
- CALDERÓN, Patricia Assunción Loaiza.; et al. A importância do voluntariado para exercer a responsabilidade social nas empresas. Trabalho apresentado no VIII Simpósio de Excelência em gestão e tecnologia. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos11/45014793.pdf>. Acesso em: 25/07/2017.
- Carvalho de Holanda, Cristine; Cristina de Souza Vieira, Ana. *Voluntariado e Terceiro Setor*. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CASARIN, Helen de Castro S.; CASARIN, Samuel S. Pesquisa científica: da teoria à prática. Curitiba: Ed. Intersaberes, 2012.

Cavalcante, C. E.; Souza, W. J. de; Mol, A. L. R.; Paiva, J. de A. (2015). Motivação para a entrada de voluntários em ONG brasileira. *Revista de Administração [RAUSP]*, 50(4).

Cavalcante, Carlos Eduardo. "Motivação de Voluntários: teoria e prática." *Curitiba: Appris Editora* (2016).

Cavalcante, E. C.; Souza, W. S.; Cunha, A. S.; Nascimento, M. A.; Fernandes, L. T. (2012). "Por Que Sou Voluntário?": Etapa de Construção de Escala. *Revista Pretexto*, 3(2).

CEMINO, Valdir – artigo "Voluntariado, uma cultura em transformação" *Revista Plurale* – março/2012;

Clary, E. G.; Snyder, M. (1999). The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations. *American Psychological Society*, 8(5).

Clary, E. G.; Snyder, M.; Ridge, R. D.; Copeland, J.; Stukas, A. A.; Haugen, J.; Miene, P. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6(74).

Clary, E.G., Snyder, M., Ridge, R.D., Stukas, A.A, Copeland, J. Haugen, J., Miene, P., et al. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1516-1530.

Clary, E.G., Snyder, M., Ridge, R.D., Stukas, A.A, Copeland, J. Haugen, J., Miene, P., et al. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1516-1530.

da Souza A, Alves A, Januário G, Ribeiro MI, Oliveira M, Silva A. Percepções de um grupo de voluntários frente ao trabalho com pacientes oncológicos. *Revista de Saúde Pública do Paraná* [Internet]. 8jul.2020 [citado 24jun.2022];3(1). Available from: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/324>.

DIAS, Mayra Rosestolato. **TRABALHO VOLUNTÁRIO: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS E MOTIVAÇÕES DO VOLUNTARIADO DO PROJETO CURATIVO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ**. 2017. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS) - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7294>. Acesso em: 24 jun. 2022.

ESCOBAR, Edgar Silva. **O Voluntariado no Brasil**. Tese (Mestrado em Gestão e Políticas Públicas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, p. 35. 2017 <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/19085/O%20VOLUNTARIADO%20NO%20BRASIL%20%20%20MONOGRAFIA%20EDGARd.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Fischer, L.; Schaffer, K. (1993). *Older volunteers: a guide to research and practice*. Newbury Park: Sage.

GASPAROTTO, Jaqueline de Carvalho; COSTA, Jeferson Dias; VISSOCI, João Ricardo. TERAPIA DA ALEGRIA: TRABALHO VOLUNTÁRIO NO HOSPITAL MUNICIPAL DE MARINGÁ-PR. VII EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica (25 à 28 de Outubro de 2011), Brasil, 25 out. 2011. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/5088>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Geiser, C.; Okun, M.; Grano, C. (2014). Who is motivated to volunteer? A latent profile analysis linking volunteer motivation to frequency of volunteering. *Psychological Test and Assessment Modeling*, 56(1).

GEMELLI, Eli; BITENCOURT, Cláudia; SANTOS, Ana Clarissa. Motivadores do Trabalho Voluntário: uma Proposta de Modelo Conceitual. **Revista Espacios**, [s. l.], v. Vol. 37, n. ISSN 0798 1015, ed. (Nº 32), 22 jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n32/16373207.html#bibl>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

Gomes, A. A. P., & Quelhas, O. L. G. (2003). <b>A motivação no ambiente organizacional</b>. *Revista Produção Online*, 3(3). <https://doi.org/10.14488/1676-1901.v3i3.567>

GOMES, Dora Raquel Fernandes. Mundos vividos : os caminhos do voluntariado hospitalar. 2009. 106 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/12287>. Acesso em: 24 jun. 2022.

HIRATA, Helena; DEBERT, Guitta Grin. DOSSIÊ GÊNERO E CUIDADO. **Cadernos pagu**, [s. l.], v. 46, p. 7 - 15, 15 jul. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201600460007>. Acesso em: 21 ago. 2022.

HUDSON, Mike. Administrando Organizações do Terceiro Setor. São Paulo. Makron Books, 1999.

INSTITUTO Tricontinental de Pesquisa Social. In: **DESATANDO A CRISE: TRABALHOS DE CUIDADOS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS**. 38. ed. Buenos Aires, 2021. Disponível em: <https://thetricontinental.org/es/dossier-38-trabajo-de-cuidado/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

KISNERMAN, Natálio. Introdução ao trabalho social. São Paulo. Editora Moraes, 1983.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: Teoria da ciências e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 185 p. ISBN 978-85-326-xxxx-x - Edição digital. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2022.

KUCHEMANN, B.A.; PFEILSTICKER, Z.V.S. Cuidado com os idosos e as idosas: um trabalho feminino e precário. In: IV SEMINÁRIO DE TRABALHO E GÊNERO, 2010,

Universidade Federal de Goiás, 2010. Anais...Goiás, 2010. Disponível em: . Acesso em: 11 jun. 2018.

Lewis, D., Kanji, N., & Themudo, N.S. (2020). *Non-Governmental Organizations and Development* (2nd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429434518>

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à Pesquisa Bibliográfica**: Guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 1996. 59 p. ISBN 85-15-01132-8. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Marques VL. Voluntariado: motivos e repercussões na vida social e acadêmica dos alunos de graduação de medicina, voluntários em programas na área da saúde. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina; 2006 [citado 2014 jan. 14]. Disponível em: [http://www.hsp.epm.br/centros/cedess/producao/teses/tese\\_p\\_38.pdf](http://www.hsp.epm.br/centros/cedess/producao/teses/tese_p_38.pdf)

McCurley, S.; Lynch, R. (1998). *Essencial volunteer management*. 2. ed. Londres: The Directory of Social Change.

McCurley, S.; Lynch, R. (1998). *Essencial volunteer management*. 2. ed. Londres: The Directory of Social Change.

MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_ (org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Monteiro, Rodrigo Bentes. As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico. *Varia Historia* [online]. 2007, v. 23, n. 37 [Acessado 15 Agosto 2022] , pp. 130-150. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-87752007000100008>>. Epub 04 Jan 2008. ISSN 1982-4343. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752007000100008>.

Moura, Maria de Jesus, G., Maria Rosalina, Volpi, José Henrique, Souza, Camila B. de, N., Maria do Rosário, Marques, Sônia Aspectos da motivação para o trabalho voluntário com doentes oncológicos: um estudo colaborativo entre brasil e portugal. *Psicologia, Saúde e Doenças* [en linea]. 2003, IV(2), 267-276[fecha de Consulta 24 de Junio de 2022]. ISSN: 1645-0086. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36240207>.

NÁDIA JUNQUEIRA. Organizações Sociais. In: **Organizações Sociais**. A redação, 28 ago. 2011. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noticias/2422/o-que-sao-os-ou-organizacoes-sociais>. Acesso em: 21 ago. 2022.

NASCIMENTO, Thúlio Phelipe Andrade do. Motivação voluntária: um estudo sobre os fatores motivacionais para a permanência dos voluntários da Rede Feminina de Combate ao Câncer. 2016. 51 p. Monografia (Administração) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2021>. Acesso em: 24 jun. 2022.

NEUFELD, Paulo Murillo. Uma breve história dos Hospitais. **Revista brasileira de análises clínicas**, Rio de Janeiro, n. 748646, p. 7 - 13, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-748646>. Acesso em: 19 ago. 2022.

NICHOLS, G; KING, L. Redefining the recruitment niche for the Guide Association in the UK. **Leisure Sciences**, v. 21, n.4, p. 307-320, 1999.

Nogueira-Martins, Maria Cezira Fantini, Bersusa, Ana Aparecida Sanches e Siqueira, Siomara Roberta Humanização e voluntariado: estudo qualitativo em hospitais públicos. *Revista de Saúde Pública* [online]. 2010, v. 44, n. 5 [Acessado 24 Junho 2022], pp. 942-949. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102010005000032>>. Epub 03 Set 2010. ISSN 1518-8787. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010005000032>.

OLIVEIRA, Evlyn Rodrigues. Permanência e desistência de indivíduos no voluntariado: variáveis disposicionais e organizacionais. 2022. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL. *In*: MARQUES, Mayana. **ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL**. Educa + Brasil, 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/organizacao-nao-governamental>. Acesso em: 21 ago. 2022

ORTIZ, Marta Cristina Meirelles. Voluntariado em hospitais: uma análise institucional da subjetividade. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.47.2007.tde-17012008-160303. Acesso em: 2022-06-24.

PALUDO, Augustinho Vicente. Administração Pública. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. (496 p.)

PELIANO, Ana Maria T. Medeiros (coord.). **Bondade ou interesse? Como e por que as empresas atuam na área social**. Brasília: IPEA, 2001.

PEREIRA, Rita de Azeredo Gaspar. **Motivação envolvimento satisfação e intenção de repetir o voluntariado : o caso do hospital de Braga**. 2020. 121 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Gestão) - Universidades Lusíada, Lisboa, 30 de Setembro de 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/57777>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Perry, J. L. (1996). Measuring Public Service Motivation: An Assessment of Construct Reliability and Validity. *Journal of Public Administration Research and Theory*, 6(1).

Prouteau, L.; Wolff, F. C. (2007). On the relational motive for volunteer work. *Journal of Economic Psychology*, 29(3).

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco – “A Arte de Governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil” - Editora Cortez, 1995;

SANCHO, C. et al. Análisis de la motivación para el estudio en adultos mayores. R.E.M.E. – Revista Electrónica de Motivación y Emoción, Castellón de la Plana, Espanha, v. 5, n. 10, não

paginado, mayo 2002. Publicação em meio eletrônico da Universidad Jaume I. Disponível em: <<http://reme.uji.es/articulos/apalmf8342905102/texto.html>>. Acesso em: 19 ago. 2002.

SELLI, L.; GARRAFA, V.: Solidariedade crítica e voluntariado orgânico: outra possibilidade de intervenção societária. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 2, p. 239-51, abr.-jun. 2006.

Selli, Lucilda, Garrafa, Volnei e Junges, José Roque Beneficiários do trabalho voluntário: uma leitura a partir da bioética. *Revista de Saúde Pública* [online]. 2008, v. 42, n. 6 [Acessado 24 Junho 2022] , pp. 1085-1089. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102008000600015>>. Epub 10 Nov 2008. ISSN 1518-8787.

Silveira Fagundes, Helenara, O voluntariado, a solidariedade e as políticas sociais. *Textos & Contextos* (Porto Alegre) [Internet]. 2006;5(2):1-19. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527159003>

SIQUEIRA, Siomara Roberta de. Motivação para o trabalho dos voluntários que atuam em hospital público estadual de São Paulo, referência em HIV. 2016. Tese (Doutorado em Cuidado em Saúde) - Escola de Enfermagem, University of São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.7.2017.tde-10052017-123338. Acesso em: 2022-06-24

Souza, W. J.; Medeiros, J. P. (2012). Trabalho Voluntário: Motivos para a sua realização. *Revista de Ciências da Administração*, 14(33).

VEYNE, Paulo. Do Império Romano ao ano mil – História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, v. 1.

Vieira, A. (2022). Ensaio sobre a História dos Hospitais. *Revista Do Serviço Público*, 4(2), 31 - 34. Recuperado de <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/6795>

Yeung, A. B. (2004). The octagon model of volunteer motivation: results of a phenomenological analysis. *International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 15(1).